

Polifonia, Poiese & Antropopoiese — Para uma Sinfónica do Humano —(Rapsódia dialógica com Sócrates, Octavio Paz, Michel Serres e José Saramago)

Prof. Dr. Fernando Paulo Baptista
Instituto Piaget -Viseu

« Verdade esta do homem como o último pressuposto horizonte de todo o universo prático (prático-cultural) em que se implica a dignidade humana, da ética ao direito, da política à pedagogia. »

A. Castanheira Neves [1]

O contributo reflexivo, aqui plasmado em texto, constitui uma (opcionalmente assim assumida, epigrafada e enunciada...) de entre as “variações” possíveis sobre o tema — *século XXI: o desafio socrático de como devir humano, uno e múltiplos...* — e toma como referência e motivação o legado antropológico, cultural, poético-literário e filosófico de *Sócrates, Octavio Paz, Michel Serres e José Saramago*.

E, ainda que no jeito e no estilo de uma espécie de “rapsódia” dialéctico-dialógica *tetracorde*, não deixa de configurar, também, um empenhado acto de participação cidadã num colegial processo de questionamento muito mais vasto, no sentido de se tentar compreender melhor *o que é o homem e a sua relação essencial e vital consigo mesmo, com o(s) outro(s), com as coisas, com a vida, com a natureza, com o universo e com o mistério e qual o seu “estatuto”, a sua situação e missão no mundo*, na medida em que, como diz Saramago num exergo previsional e pressago, retirado de um dos seus múltiplos livros imaginários ou virtuais (desta vez, exactamente aquele que vem mencionado na “face” preambular e na contracapa do seu mais recente romance [2]...), «saberemos cada vez menos o que é um ser humano»...

Por essa via e desse modo, vamos estar, seguramente, em estreita sintonia com a mais desassossegada inquietude e preocupação do pensamento contemporâneo em torno dos princípios e valores fundamentais, transversais ao(s) humanismo(s) [3], princípios e valores esses que não podem deixar de ser assumidos coerentemente como expressão esclarecida, enérgica e frontal, dir-se-ia mesmo *sábia e profética* [4], do compromisso intelectual com o que, a nível antropológico, cultural e axiológico, possa haver de mais relevante e significativo ao longo dos complexos processos da filogénese e da ontogénese em que se originou e fundou e em que se vem configurando e desenvolvendo *a humanidade do homem*, perspectivado este, tanto em sua ipseidade como em sua alteridade e, assim, em seu protagonismo e afirmação pessoal, colegial e comunitária na desafiante e intermínua aventura do tempo e da história...

Todos os grandes criadores (sejam eles poetas, escritores, artistas em geral, pensadores ou cientistas...) se realizam e se revelam como os agudamente despertos e inconfundivelmente carismáticos *sensores das humanas emoções e comoções, desde as mais leves e suaves às mais densas, tensas e profundas, na estesia da vibração, da escuta e da memória, na inquietude e no silêncio da interrogação e da procura ou na maravilha do espanto* [5]...

E são eles que instituem (*in-stituem*), com o *operar* onírico-gerativo e expressional das suas obras, e constituem (*con-stituem*), com o subsequente *co-operar* analítico-interpretativo e compreensivo (hermenêutico) e inelutavelmente estético [6] dos seus interlocutores, leitores e fruidores, uma perene memória e um inesgotável tesouro histórico e cultural e um fecundante manancial crítico e criativo onde partilham e modelam um desígnio comum que, no fundo, os interpela e inquieta, os faz mover e comover, os inspira e sustenta: *elaborar, a partir de diferentes concepções, perspectivas ou visões do mundo e em diversos modos, géneros, formas e estilos, o “discorrer” dum pensar e dum sentir próprios, as modelações dum conhecimento e dum saber, desejavelmente duma sabedoria, o mesmo é dizer, as*

“emergências”, as “(e)fluências”, os excursos e os textos dum processo criativo-semiósico sempre in fieri e sempre in progress , acerca do “humano” do homem e seus problemas maiores ...

Daí, a evocação, aqui, da inconformada e *socrática* confissão de José Saramago [7]: «Não sei que passos darei, não sei que espécie de verdade busco: apenas sei que se tornou intolerável não saber»...

É por isso que, nessa «tentativa de reconstruir tudo pelo lado de dentro, medindo e pesando todas as engrenagens, as rodas dentadas, aferindo os eixos milimetricamente, examinando o oscilar silencioso das molas e a vibração rítmica das moléculas no interior dos aços» [8], sejam eles, literalmente, os constructos técnico-científicos do mundo empírico-factual, sejam eles, simbólico-alegoricamente, os constructos ficcionais dos mundos possíveis, faz todo o sentido regressar ciclicamente ao magno território e “arquivo” dos inconsumptíveis bens simbólicos, dos bens da Cultura, em busca da energizante revitalização daqueles “potenciais de humanidade” que constituem e configuram uma mesma e universal identidade e condição antrópica: *todos somos em devir na unidade e na diferença estes humanos que somos ...*

Por outro lado, articular e conjugar a pluralidade diversa, contraditória e múltipla de perspectivas e experiências e, com elas e através delas, abrir contactos e estabelecer pontes de diálogo compreensivo e de respeito solidário entre culturas e civilizações, transcendendo os opostos, reconcilia-nos a todos enquanto “cidadãos do mundo”, pois, por um lado, como no-lo recorda Octavio Paz [9] através de suas *personas* lírica e ensaística, «somos constelaciones», «reino de pronombres enlazados», «todos somos la vida» e, pelo outro, «universalidad significa pluralidad» e «el diálogo» é, porventura, «la más alta de las formas de la simpatía cósmica» [10]:

« Al hablar con las cosas y con nosotros / el universo habla consigo mismo: / somos su lengua y su oreja, sus palabras y sus silencios. / El viento oye lo que dice el universo / y nosotros oímos lo que dice el viento / al mover los follajes submarinos del lenguaje / y las vegetaciones secretas del subsuelo y el subcielo: / los sueños de las cosas el hombre los sueña, / los sueños de los hombres el tiempo los piensa » [11]...

Todavia, essa universalidade e essa dialogicidade cósmica e antrópica e, ao mesmo tempo, onírica, estética, poética e reflexiva, não devem confinar-se apenas (nem talvez sobretudo...) «al diálogo de la razón»: devem alargar-se, empenhada e integradamente, «al diálogo de los hombres y las culturas» [12], pois, quando eles se sabem assumir, sem preconceitos, em sua autenticidade ontológica e em sua dignidade axiológica, «los hombres hablan con los hombres» [13].

É, na verdade, da assunção da nossa capacidade de diálogo e de escuta («oirse llorar en medio de la sordera universal»...) que podemos concluir que somos «carencia y búsqueda» [14], é do exercício do espírito crítico, da reflexividade reconstrutiva de matrizes, arquétipos, paradigmas e referências e do accionamento dos mecanismos eutróficos da *receptividade estética* (αἰσθησις) e dos potenciais eugénicos da *criatividade poética* (poiesis) [15] que se pode projectar uma nova luz por sobre o obscuro semideiro e preocupante trajecto que vem sendo percorrido pela história do nosso tempo, comandada pelo poderoso «quadrimotor louco» de que fala Edgar Morin [16] e que co-envolve, em descontrolada e devastadora sinergia, a ciência, a técnica e a tecnologia, a indústria e o capitalismo selvagem...

A defesa vigorosa da integridade e da dignidade do homem (de cada homem e de todos os homens) e do respeito preservador de Deméter, nossa materna-paterna casa planetária [17], constitui um dever sagrado e intransferível e um desafio premente e irrecusável de uma cidadania lúcida, adulta e generosa: ou seja, o dever e o desafio do cidadão universal [18] que cada um de nós é, e, agora mais do que nunca, de modo irreversível...

Nisso consiste a nossa vinculação ético-política à intencionalidade que no essencial subjaz ao “princípio de responsabilidade” [*Das Prinzip der Verantwortung*] enunciado por Hans Jonas [19] (numa formulação homóloga do “imperativo categórico” de Kant...) e entendível como um compromisso de ordem superior que, face aos efeitos ecológicamente perversos da “tecnociência”, nos convoca a não

pôr em risco, com os nossos actos, as condições perpetuadoras da vida humana no futuro: «Age de tal modo que os efeitos da tua acção sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica na Terra».

E se, em consonância com Heidegger [20], *o ser do homem é tempo*, ou melhor, *temporalidade em constante movimento a ser clarificada*, em seu mais fundo sentido, pela abertura à «luz do ser» [21] e (acrescentaria eu...) à noitidão do nada e ao enigma do mistério, a dimensão temporal não pode deixar de constituir a estruturante e identitária condição antrópica do homem enquanto «ser do tempo», «ser no tempo» e «ser tempo» ou «tempo em ser», na dialéctica dialogia entre finito e infinito, entre efémero e eterno, entre mortal e imortal... Dito num denso e belo fragmento poético de Oliveira Cruz [22], de *extásica* ressonância agustiniana: «tempo p'ra ser / nós o somos / somos de tempo / no tempo / dentro do tempo que fomos!...».

É por isso que nunca «somos» inteiramente e de uma vez por todas: mortais, *estamos sempre a ser* — somos «el presente [que] es perpetuo» [23] — porque somos, suspensos em nossa finitude, *poder-ser e abertura a todas as possibilidades* ...

«Poema inacabado do ser», na bela metáfora de Heidegger [24], o homem não deixa de constituir o *eterno e incontornável problema do próprio homem*, sabendo-se, como se sabe, que as intentadas “soluções” dos homens para este seu problema são inelutavelmente soluções conjunturais e epocais, sempre precárias, provisórias e falíveis e que é no mistério e na fundura dos abismos do seu *ser e poder-ser* que importa ir inspiradoramente sonhá-las, arquitectá-las e construí-las em indomável, persistente, incisiva e anti-sofística interpelação dialéctico-indagativa (*ironia* [25]) e naquela inamovível e serena postura de reflexivo e problematizador questionamento que rasga caminhos e alumia horizontes, criando, assim, as condições propulsoras da recorrente parturição (*maieutica* [26]) de novas dúvidas, novos problemas, novas controvérsias, novas ideias, novos saberes, novos paradigmas, novos sentidos, novas configurações da verdade...

De facto, «o homem, como no-lo sublinha Castanheira Neves [27], não conhece de si senão o que as especificações do seu poder-ser historicamente lhe manifestam». Mas esta sua diacrónica epifania semiósico-discursiva não é dissociável (porquanto dela deflui...) da intensa, dinâmica e complexificante espiral dialógica e dialéctica entre *divergência* e *convergência*, a desaguar na *emergência* de inovadoras plataformas sapienciais que alimentam e renovam (ainda que circunstancial e contextualizadamente...) essa nossa sempre circunscrita autognose... É aqui que, a meu ver, cobra o seu inteiro sentido e alcance a radical, sistemática e orientadora assunção, com Sócrates, do délfico e irrenunciável gnôvi sautón (*gnothi sauton*: conhece-te a ti mesmo), a ser sempre replasmado na *docta ignorantia* do «só sei que nada sei»...

Imperfeito, inconcluído, frágil, evanescente, errante, lábil, enigmático, misterioso, sortílego, uno e múltiplo, ipseídico e alterídico, agórico e alegórico, simétrico e assimétrico, *sapiens* e *demens*, solar e nocturno, simbólico e diabólico [28], anjo e besta, divino e demoníaco, em suma, paradoxalmente detentor das capacidades de amar, sonhar, intuir, analisar, interpretar, compreender, integrar, esperar, acreditar, duvidar, indagar, imaginar, visionar, inventar, inovar, criar e realizar e, assim, de se “imortalizar”, por exemplo, através da Religião, da Política, da Filosofia, da Cultura, da Literatura, da Arte, da Ciência, da Técnica e da Tecnologia, mas igualmente senhor do absurdo e fatídico “poder negro” de odiar, humilhar, desprezar, segregar, excluir, perseguir, explorar, poluir, destruir, violentar, torturar, queimar e matar e, assim também, de se “notabilizar” pela malvadez e pelo crime, o homem «siempre inacabado, sólo se completa cuando sale de sí e se inventa [29], sólo en su semejante se trasciende [30]: el hombre... está siempre más allá [31], em cada átimo da vida que lhe foi dada e lhe permite conceber um projecto e traçar um rumo, sempre reajustável, que dê sentido à sua existência...

A imparável movência de instantes em que «o fenómeno humano» se vai revelando na linha do tempo é culturalmente codificada e plasmada no vasto e rico legado antropológico, sapiencial e criativo dos quatro planetários Cidadãos que aqui se evocam e, assim, nos convocam à reflexão e à meditação: Sócrates, Octavio Paz, Michel Serres e José Saramago .

Corporiza-se esse seu legado e tesouro numa laboriosa e exigente construção simbólica, singularmente protagonizada por cada um deles, num constante e empenhado compromisso que bem pode identificar-se com aquela mesma radical assunção e limiar autodeterminação de Octavio Paz, segundo a qual, *ser é um desejo germinal, uma pulsão intensa, um recorrente e imparável querer ser*, metabolicamente consubstanciado e configurado no acto de *criar-se a cada instante e em permanente, simbiótica e comungante abertura à “outridade”* («el ser del hombre contiene ya a ese otro que quiere ser» [32]), implicando-se, desse modo, na construção polifónica da *humanitas* de cada homem e de todos os homens, numa espécie de navegante aventura *noética, sófica, ética, estética e poética* que parte de uma *antropologia*, de uma *axiologia* e de uma *pedagogia* para se ir transformando numa *eco-antropagogia* ou, talvez melhor ainda, numa *cosmo-antropo-sinfónica*, potenciada por uma espiralar, galopante e humanizadora *antropo-poiese* realizadora da universal ideia de que «ser homem é ser em si, sempre e ao mesmo tempo, o próprio e o outro sem exclusão de ninguém» [33], de que «todos los hombres son este hombre que es otro y yo mismo» [34]...

Tudo isso, mediatizado por uma “sinagógica” trans-científica e meta-tecnológica e por uma “bio-artónica” [35] metodologicamente *orquestral*, criticamente radicadas numa *antropo-sofia* plural, intercultural e integradora e (por que não?...) numa *teo-sofia* [36] capaz de inspirar e fundamentar um «novo paradigma teológico» [37], marcado por uma forte preocupação ecuménica, profética e exodal e gerador e promotor da polilogia reflexiva, heurística e exegética, do trans-academismo unicitarista, da superação dos dogmatismos instalados e obsoletos e, nesse sentido, “meta-dogmático” e, assim, menos propenso, por um lado, às tentações do exercício de um poder imperial, cesarista, faustoso e autoritário e do exorcismo e do anátema condenatórios ou excludentes, e mais sensível, pelo outro, à dimensão existencial e histórico-concreta da vida humana, aos valores da tolerância, da solidariedade, da justiça e da equidade na base do amor, às mediações culturais, filosófico-teológicas, técnico-científicas, político-económicas e sociais, eclesiais e contextuais que a alimentam e configuram, sem esquecer as dimensões do sonho e da esperança e a utopia de uma «terra nova» e de um «céu novo» também [38]...

Mas, quando no específico contexto antropológico da propositura que venho fazendo de uma “Nova Paideia” que seja uma “Sinfónica do Humano” digo «*meta-dogmático*», não digo nem quero dizer «*anti-dogmático*». Com efeito, face à profunda, gravíssima e arrastada crise de valores [39] (dos valores em geral e dos valores éticos em particular...) que vem atravessando radialmente o nosso mundo contemporâneo, afigura-se-me da maior relevância (no humilde mas convicto entendimento do simples “filo-filósofo” que tento ser...) a presença operante de uma *summa* crística ou *evangelho sinóptico* fundamental (que não fundamentalista!), de uma *archê* originária e originante, matriz e base doutrinal de referência, de meditação e de mediação, teologicamente coerente e forte e, ao mesmo tempo, dinâmica, aberta e projectiva, instituidora dos grandes princípios e valores e irradiadora dos sentidos polares que devem inspirar e nortear o diálogo quotidiano e o agir social, político e religioso, a nível pessoal, institucional e comunitário, e impulsionar, aquecer e incandescer os fluxos relacionais do homem com «o profano», com «o sagrado» e com o «divino», com «o outro» e «o totalmente outro» [40], bem como as vias e os modos diversos de ir realizando na Terra e nesta vida «o reino de Deus», antecipando, assim, a chegada, *post mortem*, à prometida (mas adiada...) «Jerusalém Celeste» [41]...

A presença de uma tal *summa*, reconduzida à pureza prístina e genuína das suas fontes e raízes, sem a mácula das conviências de conveniência, das dependências interesseiras e das alianças cúmplices e tragicamente alienantes com as instâncias do poder secular («o meu reino não é deste mundo», «a César o que é de César»...), teria como finalidade semaforizar, em planante horizonte de crítica e transfinita transcendência, os caminhos, as dinâmicas e os movimentos anabáticos ou ascensivos, contra os impulsos, as tentações ou as derivas catódicas que venalizam, satanizam, idolizam ou endeusam o ser humano e, assim, o corrompem, desfiguram, pervertem e fazem perder... É urgente, pois, *levantarmo-nos do chão* !...

Numa tal perspectiva e no poético entendimento partilhado com Octavio Paz [42] de que «la tierra es un hombre... pero el hombre no es la tierra, el hombre no es este mundo ni los otros mundos que hay en este mundo y en los otros...», de que, pelo contrário, «el hombre es el momento en que la tierra duda de ser tierra y el mundo de ser mundo», será ou não será pertinente e urgente, se não mesmo inadiável,

levar a cabo um clarificador e isento questionamento, em largueza, profundidade e elevação, em torno do humano e do divino, da imanência e da transcendência?... Poderá contribuir, ou não, tal questionamento para melhor compreender a «treva geral no interior dos homens» [43], decifrar «el eclipse de las claridades» [44] e combater «a epidemia geral de cegueira branca» [45] que vem assolando sombriamente a comunidade humana, através da acção iludente, alienante e barbarizante que decorre da globalização meramente economicista e consumista e da homogenização neutralizadora e silenciadora das grandes referências ético-axiológicas, culturais e identitárias que iluminam, por dentro, as alumiantes focalizações de um olhar trans-oftálmico, verdadeiramente inteligente e sensível e superadoramente sábio e crítico?... Será luz autêntica aquela excessiva luz que apenas encandeia e obnubila?... Não será tragicamente cego aquele que, olhando, não sabe ou não quer ver?...

No pressuposto de que a prova da mais autêntica fidelidade do homem à sua condição e ao seu destino reside, por certo, na obstinada procura das suas origens e das suas ultimidades, terá ou não terá cabimento prosseguir na rota dessa questionante indagação sedenta de cada vez mais saber acerca de si próprio e do mundo?... Que somos e quem somos?... De onde vimos e para onde vamos?... Foi ou não foi um «deus» que criou a maravilhosa “máquina” do universo (globalmente pensado em sua integrada unidade e expressão *cosmo-eco-bio-sócio-antropológica* ...) em que nos foi dado aparecer?... Essa “máquina” gerou-se a si mesma ou é obra aleatória e arbitrária do acaso ou de um destino cego?... O que é que havia ou não havia, há cerca de quinze ou vinte mil milhões de anos, antes da eclosão do *big bang* ?... E, pressupondo ainda que «a ordem que caracteriza o nosso universo actual não é uma ordem sobrevivente a uma degradação progressiva, mas sim uma ordem gerada durante uma explosão entrópica original, uma ordem de que a radiação fóssil nos permite avaliar o custo gigantesco» [46], o que é que passará a haver, quando, entre expansão e arrefecimento, se vier a consumir a «morte térmica» do cosmos e, com ela, a do planeta e a do homem, no quadro da entropia crescente, da dissipatividade, da desorganização e do colapso geral, previsíveis na “segunda lei da termodinâmica” enunciada por Kelvin [47] ?... Será o regresso ao puro e perpétuo nada, sob a acção aniquilante, arrasadora e esmagadora de um *big crunch* [48] intra e inter-galáctico, a ser (se vier a ser...) desencadeado pelo poder hipergravítico, supermassivo, curvaturante, atractor, implosivo-capturante e *rádio-energo-fágico* dos «buracos negros»?... Cumprir-se-á a escatológica promessa da ressurreição e da transfiguração dos mortos e da fruição, para sempre, de uma outra vida no além?... E, se assim for, «onde» é que fica esse «além», se é que ele tem um «onde»?... Ou, pelo contrário, continuará a haver lugar para novas singularidades, sob a forma de novas explosões entrópicas, geradoras e propulsoras de «novas temporalidades» e de «novas existências», numa palavra, consubstanciadoras de uma “variância” recorrente e cíclica a operar por sobre o transfundo dinâmico e o lastro evolutivo de uma “constância” motora, metabólica e morfogénica, *auto-cosmogónica* e *auto-poiética*, no horizonte eterno e sem limites de uma *physics of the immortality* [49] ?... Afinal, qual o sentido de tudo isto, se é que isto tem (ou tem de ter...) algum sentido?...

E mesmo que, com o nosso Camões (*Lus.*, X, 80), em jeito de auto-justificação se possa defender que «... o que é Deus, ninguém o entende, / que a tanto o engenho humano não se estende», bastará acreditarmos afirmando, ou não acreditarmos negando, sempre ancorados, num caso como no outro, no “código” das mundividências ou das convicções pessoais?... Como explicar, por um lado, a irrasurável *fanerose* (fanérwsi\$), a espantosa presença ou expressão *fânica* do divino e do sagrado na arte (arquitectura, escultura, pintura, literatura, música, cinema...) e na filosofia e, pelo outro, a origem e a existência do mal, das guerras e dos cataclismos e demais desgraças, da doença, da dor e da morte?... E como aceitar o sofrimento das crianças e dos inocentes, dos bons e dos justos, a condenação dos injustiçados e a impunidade dos criminosos?... Qual a “posição” e o “papel” da divindade em tudo isto?... E, por mais heterodoxo que tal possa parecer, será descabido relançar, aqui, a provocadora e radical pergunta formulada por Hans Küng — «Existiert Gott?» [50] [Será que Deus existe?] — com que, nos fins da década de setenta, deu expressão à sua famosa e aturada procura em busca de um «sim» ou de um «não» ?... Terá razão Edgar Morin quando vaticina [51] que «os deuses morrerão todos quando nós deixarmos de existir»?...

Mas, independentemente das *razões* de auto-convencimento (mais ou menos consistente...) que possam defluir da assunção de cada credo, não será de persistir no agónico e inconformado questionamento que não cessa de indagar, mesmo que as respostas continuem a ser a do silêncio do

«Dios mudo, que al silencio del hombre que pregunta contesta / sólo con silencio que ahoga» [52], a da revolta e da indignação, do cepticismo, do desalento ou da indiferença ou do espanto gerador de novas e irresignadas tentativas interrogantes?... E não será belo e até mesmo reconfortante admitir, ainda assim (como que em clave mística e ao mesmo tempo épica e para além de todas as concepções, figurações ou representações, antropomórficas [53] ou outras, do que seja «o divino»...), que «Deus é o silêncio do universo e o homem é o grito que dá sentido a esse silêncio» [54] ?...

Será que o “mérito” da busca residirá mais nas metas atingidas e reveladas no cerimonial dos rituais ou na retórica dos discursos do que nas fendas rasgadas na desafiante clausura do segredo que vive e medita em solidão o mistério e o enigma?... Ou aceitamos com Vergílio Ferreira [55], e sem mais luta, que «o mistério é o intervalo vertiginoso entre nós e o que existe e que um deus não pode preencher»?... Haverá limites ou fronteiras para as ânsias e os dinamismos do ser e do conhecer, do pensar e do questionar, do confiar e do não confiar, do crer e do não crer?... Ou não será pertinente reafirmar, com Kierkegaard, que «ter fé é a coragem de sustentar a dúvida» [56] ?...

Na liberdade de escolha de que, apesar de tudo, a esse nível, ainda vamos fruindo, terá este tipo de questões de se considerar forçosamente alienante, distractor ou inibidor da formulação de perguntas de natureza mais sensível e mais directa (menos “metafísicas”, digamos assim...) e, portanto, mais consonantes com o sentido e o horizonte da existência concreta, do mundo da vida (*LebensWelt*) e da historicidade?...

Assim, por exemplo:

Em nome de que «deuses» e de que «divinas» causas se perseguiu e queimou nas «sacras» fogueiras das inquisições e dos holocaustos?...

Em nome de que «deuses» e de que «divinas» razões continua a matança arbitrária, criminosa e assassina, sob a dominação estrangeira e genocida, às mãos da violência fanática e impune dos *kamikazes jihadistas* de toda a espécie ou da sofisticada, poderosa e letal máquina de guerra accionada, ao arripio do direito internacional, pelos neo-bárbaros senhores das “tecnológicas” e devastadoras armas do nosso tempo?...

Em nome de que «deuses» e com que «divinos» argumentos se vem permitindo a crescente existência de tanta fome, tanta miséria, tanta exploração e tanta destruição, de par com tantos e tão “lavados”, incontrolados e impunes “paraísos fiscais” estrategicamente implantados neste velho Éden do Génesis, hoje galopantemente transformado, às mãos da tecnocrática eficácia e da robótica irreflexão do *homo agens*, do *homo operator*, seu titânico protagonista, em senhorial “coutada” ou “herdade”, mortiferamente explorada, quer a nível dos recursos naturais, quer a nível dos recursos humanos, por cada vez mais labirínticas, tentaculares e apátridas oligarquias económico-financeiras internacionais, sem escrúpulo, sem critério e sem medida [57] ?...

Que é feito dos códigos que nos declaram «irmãos», porque «filhos do mesmo Pai / da mesma Mãe» e, assim, com o mesmo e universal direito de todos crescermos e povoarmos a Terra?...

Que «divina» esperança de futuro poderá brilhar ainda no olhar espantado, inocente e mudo de tanta criança sem pão, sem carinho e sem abrigo?...

Não será já este nosso globalizado mundo o novo e geral palco-lixreira onde o velho e bíblico Job volta a reencarnar no corpo dilacerado de todos quantos (à semelhança do que aconteceu com Sócrates e Jesus Cristo...) estão condenados a espiar o “grave crime” de serem simples e autênticos, justos e bons, generosos e corajosos, mas, ao mesmo tempo, “subversivamente” lúcidos e interpelantes ou contestatários, transparentes e coerentes, autónomos e solidários, por sentença do implacável julgamento (muito “legal”: a Lei é o Direito!...) protagonizado por aquele mesmo tipo de “juizes” soturnos, enigmáticos e invertebrados que perversamente presidiram ao anónimo, burocrático e decapitante “processo” de *Joseph K* (afka)?...

Onde moram afinal a justiça e a equidade e quem é o seu garante? [58]... Por outras palavras: quando é que o direito e a justiça passam a ser, *cumpridamente* e em definitivo, «a suprema axiologia da existência humana comunitária», de modo a que todos os homens, sem qualquer espécie de distinção ou discriminação, vejam realizado o verdadeiramente fundamental e, por isso mesmo, irrevogável e inalienável direito de ter «direito ao direito» [59] ?...

São improrrogáveis as respostas, porque, sobretudo, inadiáveis as decisões...

Mas porque a “navegação” é agora outra, simultaneamente ao perto e ao longe (local e global: “glocal”) e marcada por uma turbulenta instabilidade e incontrolável “risco invisível” (Ulrich Beck [60]), o mesmo é dizer, com Saramago [61], pela «gravidade e diversidade de mazelas de toda a espécie que vêm ameaçando a já precária sobrevivência do género humano», não se pode dispensar o decisivo contributo de um “mapeamento” antropológico multiculturalmente “mestiçado” [62], linguística e discursivamente *heteroglóssico*, *multivocal* ou *polifónico* [63], de uma “cartografia” sapiencial epistemicamente interdisciplinar e transdisciplinar e metodologicamente englobante e inclusora, numa palavra, *pléctica*, na acepção de Murray Gell-Mann [64], e, por isso mesmo, *co-implicativa* da Arte, da Religião, da Filosofia, da Política, do Direito, da Ciência, da Tecnologia, do Trabalho, da Guerra e da Paz e, sobretudo, dessa «utopia» cada vez mais necessária e desse «tesouro» sempre por achar que dá pelo nome de Educação [65]...

Uma tal cartografia pode e deve configurar-se simbolicamente na elaboração de um novo Atlas ou Magna Charta Sapientiae et Humanitatum [66].

Assim, e no que diz respeito mais directamente ao conhecimento científico, importa ter presente, com Michel Serres [67], que a ciência, se é uma sólida e rigorosa construção a nível dos conteúdos sapienciais, programas e “protocolos” de cognição e metacognição, pesquisa e experimentação, suportada numa base racionalmente consistente e poderosa, constituída por um conjunto de enunciados teóricos *legiformes* dotados de grande coerência intrínseca e de largo e universalizável potencial iluminante e alcance conjectural, descritivo-explicativo, preditivo e retroditivo, não deixa de ser, também, um incontornável «modo de circulação» operatoriamente sustentado numa rede e numa dinâmica de vectores, relações, categorias e modalidades de saber simultaneamente instituintes e constituíntes que, na base de uma metódica essencial, visam «um máximo de resultado» [68]; que, nesse exigente e rigoroso esforço reticular de inteligibilidade, emerge, por um lado, *um objecto global* — a Terra — e constitui-se, pelo outro, *um sujeito igualmente global* — a Comunidade Humana Planetária —, faltando-nos todavia ainda pensar e desenvolver, mais e melhor, *as relações e as modalidades sapienciais englobantes* dessas duas globalidades emergentes... Importa, pois, aprender a «dominar a nossa dominação», de modo a que seja o homem a “pilotar”, lúcida, articulada e integradamente, o comando que nos vem sendo “imposto” pela cibernética mágica e cega da “tecnociência”. E esse é, sem dúvida, um dos grandes desafios que nos coloca o século XXI [69]...

Daí, a necessidade de uma teoria geral e integrada das relações e das modalidades de saber e a imprescindibilidade de um sentido imaginante verdadeiramente *sentiens et intelligens*, [70] *ético*, *estético*, *eidético*, *sófico* e *poético*, a alimentar e a orientar as capacidades da inovação, da inventiva e da criatividade, no pressuposto de que tais capacidades abrem imparavelmente caminho a uma infinidade de inovações, invenções e criações (*creatio continua* ...), «alumiando assim [ao largo] o largo Mundo» (Camões: *Lus.*, I, 56, II, 60)...

Todavia, no que concerne ainda à problemática do *conhecimento científico*, pensado em todas as suas implicações, aplicações e consequências, se, com Michel Serres, é serenante a conjectura de que «a ciência se tornará sábia quando se moderar a si mesma e fizer tudo o que pode fazer», a hipótese de correremos os riscos diagnosticados, entre outros, por Ulrich Beck, Anthony Giddens, Henri Atlan, Almeida Filho ou Mesquita Ayres [71], também só muito provavelmente será superada, «quando a ciência e a razão tiverem atingido a beleza» [72], isto é, quando se consumir definitivamente a pessoana [73] paridade estética (e ética...) entre *o binómio de Newton e a Vénus de Milo*, o mesmo é dizer, o sacral e íntimo conúbio da Ciência com a Arte e das Tecnologias com as Humanidades...

É por isso que se torna imperioso não só aprender a dominar e a regular estrategicamente o efectivo e tremendo poder que já vimos exercendo sobre a natureza, sobre o homem e sobre o mundo, mas também instituir a “*mathesis*”, a “*aletheutica*”, a “*metrica*”, a «*sophia*» e a “*sophrosyne*” de uma nova Educação, de uma nova Ética e de um novo Direito [74]: *natura siue humanitas > humanitas siue cultura siue paideia > magister siue discipulus > creator siue creatura > gubernator siue gubernatus > ius siue homo* [75]/ *siue uita > factum siue derectum ...*

O farol iluminante (que não deslumbrante e, assim, ofuscante e ensombrante...) dessa conjugal e conjugada aprendizagem estratégica e dessa dinâmica fundadora reside, antes de mais, no potencial educativo e formativo da Arte e das Humanidades, das *Humanae Litterae*, dos *Studia Humanitatis* ... «O nosso erro contemporâneo», lembra-no-lo, uma vez mais, José Saramago [76], com lúcida pertinência, reside na «persistência duma atitude céptica em relação às lições da antiguidade».

Nesse humanizado e humanizador ensino e aprendizagem, nessa *antropagógica*, *coral* e *sinfónica* Paideia, ir-se-á moldando e configurando o disseminável e universalizável “arquétipo” do «sábio» do nosso tempo — *Le Tiers-Instruit* [77] —, síntese criativa resultante da combinatória do «legislador dos tempos heróicos» com «o moderno titular do saber rigoroso», simbiose harmoniosa e fecundante do humanista e do artista com o pensador e o cientista... Paradigma e referência do cidadão generoso, atento e lúcido, audacioso e prudente andarilho da natureza e da sociedade, inquieto e devoto peregrino do orbe inteiro, movido da paixão pelos pássaros, pelos prados e pelas flores, pelos lírios do campo, pelas fontes, pelos rios, pelas areias, pelas nuvens e pelos ventos, pelas montanhas, pelos mares, pelos céus e pelas estrelas, vagueando sem parar pelo intervalo que medeia entre, por um lado, a opulência, a riqueza, a abundância e o esbanjamento e, pelo outro, a miséria, a pobreza, a indigência e a fome, entre o tudo e o nada, a vida e a morte, a esperança e o desespero, a alegria e a festa e as lágrimas e o luto, a sombra e a luz, o conhecimento, o saber e a sabedoria e o analfabetismo, a iliteracia e a ignorância... Jovem e senhor, fidalgo e plebeu, monge e vagabundo, crente e descrente, santo e pecador, solitário e solidário, local e global e, acima de tudo, ardendo de amor pela Humanidade e pela Terra...

Essa *hominescente* [78], *incandescente*, [79] *naturante*, *religante* e *serenante* sabedoria anamnética e “cronopédica”, respeitadora, integradora e harmonizadora das diferenças («apesar de todos os seus defeitos, a vida ama o equilíbrio» [80]) vai-se construindo, de(s)construindo e reconstruindo nas diurnas controvérsias suscitadas na linha do tempo e da flecha do seu sentido, com a paixão, a convicção e a loucura de quem ama, de quem sonha e realiza, de quem trabalha e de quem sofre, e num persistente exercício entre cegueira e lucidez, entre cepticismo, esperança e utopia, entre o enraizamento telúrico-social e a errância e a itinerância existencial do *homo uiator* [81] que somos... Porque, «mesmo que a rota da minha vida me leve a uma estrela, nem por isso fui dispensado de correr os caminhos do mundo» [82]...

Mas a realização inteligível porventura maior da criatividade humana (por se revelar singularmente uma das mais complexas, misteriosas, originais, profundas, consistentes, perenes e transformadoras...) é, em minha cada vez mais funda (e fundamentada...) convicção, a grande poesia ...

Todavia, a generalidade dos líderes políticos actuais, em razão do seu manifesto *deficit* cultural e consequente miopia, estrabismo ou heterotropia estratégica, parece andar esquecida (seguramente por culpa nossa também...) de que é Homero «o Educador da Grécia»!... Insisto: a grande maioria dos dirigentes e dos responsáveis pelas coisas públicas parece ignorar que é nos potenciais plasmáticos, holossémicos, “holofóticos” e modulatórios da «música do pensamento» — que é a *poesia*, na lapidar definição de George Steiner [83] — que se organiza e se revela o inesgotável e tensional paroxismo das mais fundas, mais ricas e mais belas polissemias inseminadas e disseminadas na semântica, na sintaxe e na pragmática dos seus módulos textuais, a irreduzível singularidade e diversidade das “visões do mundo” aí inscritas com os seus segredos, enigmas e mistérios, com seus anseios e aporias, temas, problemas e projectos, a imemorial memória dos tempos primevos e sagrados das logofanias dos deuses, da revelação dos mitos cosmogónicos e antropogénicos, da instituição das praxes e dos ritos [84] e da instauração comunitária dos ancestrais trabalhos e deveres de garantir a sustentação e a

sobrevivência, do descanso, das festas, dos jogos, dos cantares e das danças, de par com o dinamismo genesíaco, alternante e cíclico, dos fluxos e refluxos vitais: «una vez Yin, otra vez Yang» [85]...

Dito em complementar e reiterante reforço: num momento como o actual, em que estratégicos sectores da vida pública e comunitária estão transversalmente dominados pela «barbárie da ignorância» (e não pela *docta ignorantia* ...) e por uma generalizada e insanável mediocridade (sempre atrevida e sofisticadamente anti-socrática...) e mergulhados numa despudorada e pantanosa atmosfera de corrupção moral e degradação ética, promotoras do silenciamento, cancelamento ou narcotização, na ágora e em suas “próteses” comunicacionais, das grandes referências históricas e axiológicas, das grandes narrativas da cultura, da palavra sábia, polar e cardinal (o que suscitou a Lipovetsky [86] e a Steiner [87], entre outros, as conhecidas reflexões crepusculares em torno da «era do vazio» e do «tempo da pós-cultura» ...), a pólis globalmente considerada e, no coração dela, a “cidade educativa”, a “cidade política” e a “cidade mediática” parecem não querer ou não saber entender que é na diversa polimorfia das texturas, metros, figuras, registos ou estilos, que é no fascínio e na fulgurância do enleio imagético («el río de las imágenes»... «el sueño, el delirio, la hipnosis»... «la onda luminosa» que nos arrebatava para junto de «las orillas del puro existir»...) e no sortilégio da musicalidade e na magia do ritmo encantatório dos poemas que tudo quanto há de mais profundamente humano, bom e belo está cifrado...

Mais ainda: parecem não querer ou não saber perspectivar e visionar que é, conjuntamente com a grande filosofia, a grande ciência [88], as belas artes e as *humanae litterae* em geral que tudo isso nos foi legado quer como singularizante matriz fundadora e configuradora da nossa compartilhável identidade antrópica e universalista quer como territórios maiores da criação e da expressão cultural e simbólica onde se consuma a epifania da mais pura e generosa dádiva e a plasmagem das mais poderosas, saudáveis e regeneradoras energias espirituais e arquetípicas da antropogénese e da humanização [89]. A sua convocação inadiável, forte e destemida afigura-se-me constituir a incontornável saída de superação de uma crise etiologicamente tão profunda e patologicamente tão grave [90] como é aquela que atravessamos e nos atravessa...

Na verdade, é lá bem dentro da aguda, silente e constitutiva primordialidade do *sentir*, do *e-mover-se* e do *co-mover-se*, do *intuir* e do *imaginar* — e importa não esquecer, com Herberto Helder [91], que nós «somos o imaginário do imaginário»!... —, é no interior fundo e quente das preludiais e originantes galerias da *sensibilidade*, da *emoção*, da *comoção*, do *afecto*, da *intuição* e da *imaginação* — lá onde, afinal, reside a alma, o coração e a luz de tudo... —, que se instauram as relações seminais e fontais do eu ao outro e de si ao mundo e ao cosmos, conjugando-se, com elas, em fecunda interacção e arquitectante projecção, configuradoras dos actos semióticos de que nascem as mais belas criações e realizações da cultura, entre elas, os poemas [92]...

E os poemas são as *inspiradas*, *esplendorosas* e *divinas* “criaturas” *órficas*, *melódicas*, *rítmicas*, *métricas*, *noéticas*, *eidéticas*, *magnéticas* e *matéticas*, são as aladas composições verbo-musicais dessa celebração maior que é a poesia, onde, no sábio dizer de Octavio Paz, «el poeta pone en libertad su materia» [93], ao plasmar com o seu canto e a sua lira «la experiencia original» da «otredad esencial del hombre» [94], e onde sentir e pensar se fundem em «ritmo perpetuamente creador» [95], em harmoniosa e inconfundível *ontopáthesis* e *ontopoiesis* [96] e simétrica expressão vital, ética e estética, incorporando, num mesmo deveniente e eterno instante, o cosmos e a natureza, o mundo e o homem, o finito e o infinito, o vazio e a plenitude, a esperança e a beleza, a liberdade e o amor...

E porque «somos vida que es muerte» e «muerte que es vida» (o que equivale a dizer, com Saramago [97], que «vida e morte é tudo um», que «morte e vida são o mesmo») e também porque «in hac quasi mundana scena (...), nihil spectari homine mirabilius» [98], tudo a significar, em humanística sintonia com Pico della Mirandola [99], que «o grande milagre... é o homem» («magnum, o Asdepi, miraculum est homo») e, ainda em homóloga consonância com o nosso Nobel da Literatura [100], que não há «milagre maior que este simples facto de existirmos», no arco vital e identitário que define as fronteiras *quálicas* da realização histórica do *DaSein*, em seus enraizados modos de ser e aparecer, existir e coexistir (*In-Sein* e *MitSein*) [101], «ser mundo / é ser mecha do instante» [102], no agudo, visionário, impulsionante e auto-exigente entendimento, porém, de que «cada instante es todo el tiempo» [103], de

que «só na consciência, / pula íngreme a existência» [104] e de que «predestinar / é ir-se destinando / a gravitar / já dentro» [105]...

Mas cada instante só convoca, vertical e centradamente em si, o tempo todo e em plenitude, se ele for «grande como la vida de cién soles» [106], se ele for protagonizado como o intenso e denso momento instaurador e propagador do fogo poético («el fuego de cada día»), se ele se configurar radicalmente como o germinal êxtase criador em que «sobre la hoja de papel / el poema se hace / como el día / sobre la palma del espacio» [107] e em que, desse modo, a poesia passa a habitar efectivamente entre os homens [108], por sobre o chão fremente da Terra... Por outras palavras: se cada momento se revelar como um tempo (in)augural e auroral, profético e anamnésico, catártico e soteriológico, purificador de maldades e tentações, libertador de traumas e recalcimentos, expiador de crimes e pecados, exorcizador de fantasmas e demónios, tempo mensageiro e promotor da paz, da justiça, da equidade, da solidariedade, da fraternidade, do bem e do belo, em suma, tempo solar do esplendor da verdade e do amor...

De contrário, sempre que a cultura, a sensibilidade, a imaginação e a criação poéticas, estiveram adormecidas ou anestesiadas, andaram arredias ou foram escorraçadas da cidade, as superadoras saídas para os fundamentais problemas do homem e da humanidade ficaram irremediavelmente comprometidas... É pena chegar a tão triste e desiludente conclusão, mas não deixa de dar que pensar aquele desencantado desabafo de Saramago, em que nos diz que «no geral dos casos, a voz dos poetas é uma incompreendida voz» [109]!...

Por tudo isso, ousou questionar à face dos homens e à luz do sol: sem a «pasi3n crítica» [110] que tenta interpretar e explicar a magia, «el poder eléctrico» incandescente e fulminante das palavras, «la repentina aparici3n de frases caídas del cielo», os «signos en rotaci3n» [111] na inestancável mobilidade da linguagem e das línguas [112], para assim melhor compreender os enigmas e os labirintos e os segredos e os mistérios do homem e do mundo, sem a «corriente alterna» que alimenta as «máquinas transparentes del delirio [que son] «bs libros» [113] e que faz mover «el arco y...» tanger «... la lira» [114] na execu33o das humanas partituras, sem a sabedoria criadora e iluminante dos poetas, sem o inconformado grito de alerta dos profetas, sem as fulgura33es que irrompem da arte e do sagrado, sem a freática uberdade das matrizes mais genuínas, mais fundas e mais fortes do pensamento e da cultura de todos os povos e de todas as gentes, pergunto: será possível governar orquestralmente a pólis ou dirigir sinagógicamente e com justa equidade e fraterna solidariedade este planeta outrora azul?...

Mais ainda: sem tudo isso, alguma vez poderá estar garantida, neste «mundo desenfreado» (*runaway world*) [115], uma regeneradora e vitalizante *antropo-poiese*, uma resgatadora e inseminante *antropo-náutica*, uma humanizadora e inebriante *antropo-sinfónica* que permitam «recibir a la noche que viene con personajes azules y pájaros de fiesta, ... saludar a la muerte con una salva de geranios, ... decirle *buenos días* al día que llega sin jamás preguntarle de dónde viene y adónde va» e, sobretudo, «construir sobre este espacio inestable la casa de la mirada, la casa de aire y de agua donde la música duerme, el fuego vela y pinta el poeta» [116]?... Será possível, enfim e em culminativa síntese com Oliveira Cruz [117], «fermentar a terra e o céu» e «cantar a sinfonia universal do universo»?...

Mas, em tal constru33o, não pode deixar de assumir intrascendível relevância a vital e enzimática dimens3o axiológica do humano, em cujo cerne se coloca angularmente a crucial quest3o da verdade. Assim, saramaguianamente despertos e conscientes de que «o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro» [118], tomando o seu lugar, e de que «este mundo (...) é uma comédia de enganos» [119], a todos se nos impõe cada vez mais (ponderada a sua sofisticada, subversora e alarmante degrada33o...) a afincada procura e afirma33o da verdade. Da verdade possível, decerto, mas também dos possíveis e impossíveis da verdade, se entendida e perspectivada como “referencial absoluto” para as nossas sempre relativas e precárias verdades... Até porque, independentemente das diferentes raz3es por que o fazem, «os humanos s3o universalmente conhecidos como os únicos animais capazes de mentir» [120] e a cidade, a pólis («pastora de siglos, madre que nos engendra y nos devora, nos inventa y nos olvida» [121]), se tem vindo a transformar numa «termiteira de

mentirosos» [\[122\]](#), onde a verdade, em seu mais fundo sentido, é sistematicamente deturpada, vilipendiada, negada ou mesmo renegada...

Mas para que a verdade possa ser mais do que «uma cara sobreposta às infinitas máscaras variantes» e mais do que a lição que dela sempre nos vai dando a autoridade magistral [\[123\]](#), para que ela possa erigir-se em «relatividade generalizada dos pontos de vista» a ser constituída para além dos respectivos sujeitos perspécticos e a ser conformada numa espécie de leibniziano “centro geométrico” superadoramente englobante e integrador das singularidades, das diferenças, das tensionalidades e dos dissídios, mesmo se em seu máximo agonismo dialéctico-polémico [\[124\]](#), jamais pode dispensar (como se um invisível e irrevogável imperativo categórico no-lo ordenasse ou exigisse...) o inexaurível esforço heurístico, exegético e hermenêutico, orientado para a sempre inconclusa construção e propositura de novas interpretações e explicações, seja na «galáxia pulsante» dos livros, seja na «poeira cósmica» das palavras [\[125\]](#), seja, matricialmente, na fonte radical, inesgotável, neguentrópica e replasmante da vida, da experiência, das realizações e até mesmo das frustrações e desencantos de todos os dias, competindo-nos, assim, tomar em nossas mãos o destino que nos coube em sorte e que decidimos re-destinar e concretizar de modo determinado e honrar e dignificar como nosso projecto de vida: «é [...] a vontade dos homens que segura as estrelas» [\[126\]](#)!... Porque, afinal de contas, «o importante foi ter vindo, o importante é o caminho que se fez, a jornada que se andou» [\[127\]](#)...

Tudo no pressuposto de que «assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio» [\[128\]](#)... De facto, «saberíamos muito mais das complexidades da vida se nos aplicássemos a estudar com afinco as suas contradições» [\[129\]](#).

E se é verdade que é no sonhar, no pensar e no agir poéticos que, com Hölderlin [\[130\]](#), verdadeiramente habitamos o mundo e ele se nos faz “mundos” em nós, se é verdade que é «inventando» que «somos iguais aos deuses» [\[131\]](#), que é criando que ficcionamos e configuramos a própria «arte e maneira de juntar o acaso e a certeza» [\[132\]](#), então, em circunstância alguma, podemos deixar de nos afirmar, ousada e frontalmente, antes e depois de todos os deuses, como o intranscendível demiurgo do humano no homem, tanto em sua terna, comovente e divina humanidade como em sua monstruosa, brutal e sanguinária crueldade: Buda (Siddharta Gautama), como Job, Sócrates, Jesus Cristo, Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, Luther King, Oscar Romero ou Nelson Mandela; mas também, Caim, como Nero, Adolfo Hitler, Benito Mussolini, Joseph Stalin, Idi Amin, Pinochet, Pol Pot (Saloth Sar) e os seus hediondos e macabros “sósias” de todas as épocas e de todos os tempos!... Não há, pois, que imputar responsabilidades a deus algum nem tão-pouco invocar, em vão, o seu «santo nome», como bode expiatório!...

Dentro ou fora da «caverna», na sombra e na luz, somos e seremos sempre nós próprios, em nossa intransferível liberdade e em nossa exclusiva e indiscartável responsabilidade, o mesmo é dizer, em nosso inteiro modo de ser e estar, pensar e agir: humanos, demasiado humanos, com os nossos excessos e os nossos limites, as nossas virtudes e os nossos defeitos, as nossas potencialidades e as nossas carências, as nossas loucuras e as nossas vertigens, os nossos tranes e os nossos desatinos... Assim, tal-qualmente nos vamos modelando e plasmando na hesiodiana gesta de «os trabalhos e os dias» em que, cosmogónica e ontogenesicamente, nos vamos sendo, conformando, aparecendo, revelando e transformando, sem iludir, todavia, o lúcido e partilhado reconhecimento, com Saramago, de que «os trabalhos dos homens sempre foram mais longos e pesados que os [trabalhos] dos deuses» [\[133\]](#)...

Mas é no trabalho produtivo e criativo, no trabalho que gera obras, bens e riqueza, no trabalho que escuta e interpreta o mundo e, a partir daí, nele e para ele sonha e cria novos seres e novos mundos, é nesse decisivo e operante labor quotidiano de qualitativa e ascensional metamorfose de nós próprios e dos outros que afinal se define e se mede a nossa real grandeza e se pode aferir do mérito relativo de cada um «no projecto monumental da criação» [\[134\]](#)...

Mortais viventes ou viventes mortais, é entre o nascimento e a morte que transcorre, como já vimos, a nossa sazão e tempo de ser homens: «no vamos ni venimos: estamos en las manos del tiempo» [135]; «o tempo é que manda, o tempo é o parceiro que está a jogar do outro lado da mesa, e tem na mão todas as cartas do jogo» [136]... E porque «somos uma pequena e trémula chama que a cada instante ameaça apagar-se» [137], é no sempre curto e crítico intervalo da nossa existência histórica que nos cabe cumprir o já invocado destino de sonharmos, criarmos e realizarmos, à medida do que formos capazes, as *obras valerosas* que, no memorante e celebrante cantar do nosso Épico [138], *nos vão da lei da morte libertando* ...

Na verdade, a morte mais letal e mais mortífera, a morte que inapelavelmente arrasa, pulveriza e nadifica não é a do universal e nivelador cessar da vida que, na esfera do biológico, a todos nos toca indistintamente, de modo irreversível e absoluto, com o exalar do derradeiro suspiro: a morte mais letal e mais mortífera é a do silêncio perpétuo e sem memória, é a do esquecimento que ignora ou despreza, oculta ou rasura, expunge ou proscreeve, expulsa ou excomunga...

É assim que, numa perspectiva de humanista e solidária simpatia de dimensão antropto-bio-cósmica, ganha o seu mais actual sentido e alcance aquele ajuizamento aforístico-afectivo, segundo o qual «não há maior respeito que chorar por alguém que não se conheceu» [139], sendo certo que, pelo menos desde Vergílio [140], «há lágrimas nas próprias coisas e as coisas da morte tocam-nos a alma»: «sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt»!...

Daí que, contra toda e qualquer discriminação e em simbólica homenagem consonante com a mesma universal e transtemporal condição e estatuto de cidadãos e habitantes de Geia ou Gaia — Gaia — e em memória de “todos os nomes”, isto é, dos nomes inscritos nos verbetes dos registos das conservatórias ou nos epitáfios das necrópoles de todas as eras e civilizações, desde o “anónimo” nome do simples camponês, pescador ou artesão, ao renomado nome do rei famoso, do estadista notável, do sábio prudente, do cientista iluminado ou do artista criativo, importa proclamar, com indómita frontalidade, que, mesmo mumificados, segregados, silenciados e condenados pela ignorância intrascendida ou pela expiação persecutória, no soturno interior estalagmítico de qualquer gruta ou caverna macabra, «aqueles homens e aquelas mulheres são muito mais do que simples pessoas mortas» [141]: essas mulheres e esses homens... essas pessoas... somos nós [142] e «o processo de uma pessoa é o processo de todas» [143]!

Mais ainda: impõe-se-nos, mesmo, a todos quantos de nós (segundo muito embora diferenciadamente o exemplo e a prática do ficcional “auxiliar de escrita” de nome José...) se dedicam a escrever e a mover «os papéis da vida e da morte» reunir «em um só arquivo, a que passaremos a chamar simplesmente histórico, os mortos e os vivos, tornando-os inseparáveis neste lugar»; igualmente se nos impõe proceder «à reintegração dos mortos do passado no arquivo que passará a ser o presente de todos», cientes como estamos, por um lado, de que um tal projecto «levará muitas dezenas de anos a realizar» e de que, pelo outro, «já não estaremos vivos, nem provavelmente o estará a seguinte geração, quando os papéis do último morto, feitos em farrapos, comidos pelas traças, escurecidos pelo pó dos séculos, regressarem ao mundo donde, por uma última e desnecessária violência, haviam sido retirados».

Por isso é que, com Saramago, em verdade e em memorante *memento* se poderá dizer: «assim como a morte definitiva é o fruto último da vontade de esquecimento, assim a vontade de lembrança poderá perpetuar-nos a vida»... [144] Que a verdadeira lembrança, diria eu, é sempre a expressão de uma memória e de um afecto que a não deixam morrer...

Mas, neste universal contexto de memorial celebração (e independentemente das circunstanciais alusões ou implic(it)ações que, ao longo deste meu excursão, aqui e ali fui fazendo do seu pensamento e legado...), não pode deixar de emergir do “panteão dos imortais”, para se nos fazer mais presente e fecundante, a figura tutelar, fascinante e luminosa de Sócrates [145], com o *thesaurus* imperecível do seu magistério fundador e arquetípico...

Tendo nascido e tendo começado a amadurecer como homem e como cidadão em pleno contexto social, político e cultural da Atenas de Péricles [146] (a esplendorosa pólis da «idade do ouro» da

cultura Grega e do seu “milagre”, após a decisiva vitória sobre os Persas...), Sócrates (perspectivado, agora, já mais no interior da conjuntura de profunda crise marcada pela desgastante guerra do Peloponeso, pela vigência da despótica e persecutória governação dos Trinta Tiranos e, depois, pela reinstauração formal da democracia...) desempenha, no plano ético e *paidêutico*, um papel influenciador e modelador de certo modo homólogo ao que havia sido protagonizado pelo sábio Sólon a nível jurídico-constitucional e político-social na implantação originária do regime democrático. De tal modo que Sócrates, como acentua Werner Jaeger [147], não só se converte no «eixo da história da formação do homem grego» pela acção própria, autónoma e transformadora do seu dinamismo interior, como configura «o fenómeno pedagógico mais notável da história do Ocidente».

Tocado, desde criança, pela singularidade do influxo do ofício de sua mãe, Fenarete, de presidir e dar assistência obstétrica ao mistério e milagre da epifania da vida, foi gravando em seu coração de adolescente e no contexto da educação fundamental que lhe foi proporcionada (geometria, astronomia, literatura, gramática, retórica, dialéctica, música, ginástica...), o sentido criativo, estruturante e transformador da Arte, através da exercitação dos movimentos, colocações e harmonizações corpóreo-expressivas da dança, da coreografia, do canto coral, do dedilhar de ritmos e acordes nas cordas da lira ou da cítara, seguindo, assim, o tradicional exemplo de Orfeu e de Pitágoras. Tudo corroborado, mais tarde, pela aprendizagem que fez, ao vivo, dos gestos e das incisões de seu pai, Sofronisco, nos inertes blocos de mármore em que terá chegado a cinzelar, segundo Diógenes Laércio [148], o conjunto escultórico das *Três Graças* que exornavam o ádito ou o pórtico da Acrópole...

Ainda jovem, pôde não só testemunhar a penetração em Atenas do pensamento dos chamados *pré-socráticos* acerca do cosmos, da natureza, do homem e da vida e da decisiva “viragem antropocêntrica” proposta pelo projecto educador [149] dos grandes sofistas [150], mas também, e sobretudo, ir tomando consciência das implicações formativas dos *apotelesmas* e das *gnomas* (sentenças ou máximas) atribuídas aos famosos Sete Sábios da Grécia e ir interiorizando o que de mais relevante esse pensamento, essa viragem e esse projecto lhe ofereciam, conjugadamente com o azimute e a linha de rumo potenciados por essa bússola da introspecção, da autognose e da construção da raiz e do sentido da autonomia que é a já citada máxima délfica do *gnothi seauton*...

Essa conscientizante e, sobretudo, *conscientificante* interiorização foi-se reforçando e aprofundando, porém, com um conjunto de substanciais práticas *ontopoiéticas*, atitudinais e metodológicas que configuram um incontornável e paradigmático «projecto de vida e de cidadania»: assunção liminar da postura e da virtude da humildade intelectual: ainda que a pitonisa tenha dito o contrário, «sei muito bem que não sou sábio, nem muito nem pouco» [151]: «sei que nada sei»; exame exigente e rigoroso (έξέτασις) [152] de si próprio e dos outros e do quotidiano existencial [153], mediatizado pelo recurso à técnica probatória do έλεγχος [154], no pressuposto de que «uma vida sem exame não é digna de ser vivida»: auscultação da misteriosa, admonitória e orientadora voz interior do seu δαίμων [155], sobretudo nos momentos críticos do ajuizamento e da tomada de decisão; aprofundamento do *autodomínio* (έγκράτεια), da *autonomia* (αὐτάρκεια) e do sentido do *questionamento indagativo* (είρωνεια) e da *conjectura prospectiva* na busca de respostas mais consistentes para a ânsia e a curiosidade de saber; activação da consciência ética e cidadã, ora em registo de *moscardo* (a picada incomodativa), ora em registo de *tremelga* (a descarga electrizante), no sentido de despertar a cidade do geral estado de letargia, inércia e turpor; exercício da razão crítica na busca dos fundamentos do conhecimento e do rigor conceptual [156]; desenvolvimento da coerência entre palavra, pensamento e acção («*vrai discours et action vraie*» [157]) e, em consonância, de uma séria e adequada dialogia e dialéctica argumentativa... Mas tudo subjacentemente alicerçado na constante assunção da dimensão ética, consubstanciada na prática angular e intransigente da virtude [158], prática essa, iluminada pelos mais altos valores e desígnios conformadores do já referido «projecto de vida e de cidadania»: o belo e o bem, a perfeição..., a liberdade, a justiça, a boa ordem), em suma, a sabedoria e a sageza, a moderação, o bom senso..., tendo como horizonte uma verdadeira felicidade prioritariamente assente na realização espiritual e sapiencial do ser humano [159] enquanto pessoa e cidadão...

Sem que, de algum modo, deva dissociá-lo da mensagem global (verdadeiramente *arquitectante* do ponto de vista antropológico, filosófico, axiológico, político e educacional...) que é o legado reflexivo,

interventivo e cultural de Sócrates, seja-me permitida uma breve palavra ainda acerca do que ficou conhecido por «método socrático»: refiro-me essencialmente à *ironia* e à *maiêutica*, pela específica importância e actualidade de que se revestem no plano procedimental e operativo (*práxico*) por que se desenvolve a acção educativa e formadora.

O lexema grego εἰρωνεία [160] (através da mediação do latim *ironia*) está na origem do vocábulo português *ironia* e adquiriu, na época de Sócrates e no agir discursivo por si protagonizado, o significado inconfundível de *fala proferida com uma intencionalidade interpelante e interrogante, suscitadora da dúvida e promotora da reflexão crítica e da indagação, embora modelada no estilo e no tom* (ingénuo, autêntico, reservado... ou mesmo ensaiado, dissimulado ou fingido...) *de uma assumida ignorância*. É este o significado que, no essencial, subjaz à assim chamada “ironia socrática”. De facto, esta prática discursiva dialéctica e dialógica « *faite de gravité souriante, de douce insistence, d'une modestie qui respecte le parcours intellectuel des interlocuteurs* » [161], consubstanciava-se numa hábil e perspicaz atitude metodológica que punha a descoberto, através do diálogo vivo e directo, as inconsistências, as falácias, as incongruências ou contradições existentes na “enciclopédia sapiencial” e no modo e tipo de “argumentação” de importantes sectores da vida intelectual e pública da Atenas do séc. IV a. C. [162] e no contexto da profunda crise social e política relacionada com a Guerra do Peloponeso e suas sequelas, designadamente, na retórica “sofística” dominante e corrente [163], difusora dos saberes instituídos, “oficiais” ou canonizados como verdadeiros, mas que, na realidade, eram saberes preconceituosos, acríticos e erróneos, numa palavra, *pseudo-saberes* [164]...

A *ironia socrática*, complementada metodologicamente com a *maiêutica*, que, em sentido literal, significa «a arte da parteira» e, em sentido tropológico, a arte de ir dando à luz, de ir construindo por si próprio, e como já ficou dito, o caminho da verdade e da sabedoria, através da suscitação de novas dúvidas, da formulação de novos problemas, da enunciação de novos paradoxos, da abertura de novos horizontes, do lançamento de novas ideias...), visava a superação eurístico-probatória de tais “saberes” por saberes novos, criticamente construídos, fundamentados, testados e validados e, assim, a busca sistemática e a construção permanente de uma verdadeira sofia. Em suma: a *ironia socrática* configura « *la sottovalutazione che Socrate fa di se stesso nei confronti degli avversari con cui discute* » [165] e antecipa não só o papel nuclear da “dúvida metódica” cartesiana na construção do conhecimento, mas também o sentido estratégico do “falsificabilismo popperiano” na testagem e validação das hipóteses ou conjecturas que sustentam as teorias científicas. [166]

E se foi decisiva a constante de(s)construção crítica e a homóloga (re)construção superadora e criativa do seu trajecto *ontopoiético*, *práxico* e auto e hetero- *paidêutico* e sapiencial, como sumariamente deixei descrito, não menos importante e significativa foi a aprendizagem que ele fez, em plena idade adulta e enquanto hoplita [167], nas duras batalhas, entre outras, de Potideia, Délios e Anfípolis, travadas durante a Guerra do Peloponeso, onde deu exemplos de invulgar coragem, valentia, resistência, solidariedade e presença de espírito, enfrentando, nos limites e com o risco da própria vida, todos os perigos surgentes para salvar a vida de companheiros de combate (e.g.: Alcibíades e Xenofonte) e revelando uma incomparável capacidade de sofrimento, ao resistir, descalço, ao próprio rigor da intempérie e da neve, ao mesmo tempo que cultivava o recolhimento meditativo e o sentido místico da vida...

No exercício da sua acção política, revelou aquele mesmo arrojado destemor, desobediente rebeldia e indignada e antitotalitária frontalidade [168], sempre que a iniquidade, a prepotência e o terror dos Trinta Tiranos se fez sentir e, no limiar dos limiares, quando, depois de recusar, com lúcida, radical e coerente serenidade, o convite à fuga salvadora, a cicuta se encarregou de esculpir, para sempre, nas lápides do Tempo e na memória da Humanidade a dimensão da sua real grandeza:

« *Homens de Atenas: tenho por vós consideração e afecto, mas prefiro obedecer à divindade a ter de obedecer a vós; e, enquanto tiver um sopro de vida, enquanto me restar um átimo de energia, não deixarei de filosofar e de vos chamar à razão e aconselhar, a qualquer de vós que eu encontre. Dir-vos-ei, segundo o meu costume: “Meu caro amigo, tu és ateniense, natural de uma cidade que é a maior e a mais famosa pela sabedoria e pelo poder, e não te envergonhas de só curares de riquezas e dos meios de as aumentares o mais que puderes, de só pensares em glória e honrarias, sem a mínima*

preocupação com a sabedoria, com a verdade e com a maneira de tornar a tua alma o melhor possível?”

«E, se algum de vós me replicar que com tudo isto se preocupa, não o largarei imediatamente, não me irei logo embora, mas interrogá-lo-ei, analisarei e refutarei as suas opiniões e, se chegar à conclusão de que não possui a virtude, embora o afirme, censurá-lo-ei de ter em tão pouca conta as coisas mais preciosas e prezar tanto as mais desprezíveis. Assim procederei com quantos encontrar, novos ou velhos, estrangeiros ou oriundos da cidade, mas mais ainda convosco, meus concidadãos, que sois mais próximos de mim pelo próprio nascimento. São ordens que recebi da divindade, podeis estar certos; e creio que nunca nada foi mais útil à cidade do que o meu ministério ao serviço do divino.

«Efectivamente, nas minhas deambulações, não faço outra coisa senão persuadir-vos, novos e velhos, a que não vos preocupeis mais, nem tanto, com o vosso corpo e as vossas riquezas do que com a vossa alma, para a tornardes o melhor possível, dizendo-vos que não é das riquezas que nasce a virtude, mas que é da virtude que provêm as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados. Se é com estas palavras que corrompo os jovens, é porque elas devem ser prejudiciais; mas, se alguém afirma que não é isto o que eu digo, não fala verdade. Em face disto, dir-vos-ei mais, Homens de Atenas, tanto faz que acrediteis em Ânito como não, podeis absolver-me ou não me absolver, a minha atitude no futuro manter-se-á inalterável, nem que eu tenha de sofrer mil vezes a morte. » [\[169\]](#)

O destino de Sócrates ficara assim definitivamente traçado e assumido... Horas mais tarde, a implacável e mortífera taça cumpria a sua função entorpecente e liquidatária...

« Entretanto, aquele que lhe ministrara o veneno, palpando-lhe o corpo, observava-lhe de tempos a tempos os pés e as pernas. Em seguida, carregando com força num pé, perguntou-lhe se ainda sentia, ao que ele respondeu que não. Recomeçou depois pela parte inferior das pernas; e, assim subindo, nos fez ver que se tornava frio e hirto. Sem deixar de o palpar, observou-nos que, quando lhe atingisse o coração, seria o fim... E já praticamente toda a região do ventre estava gelada quando Sócrates, descobrindo o rosto — pois tinha-o, com efeito, coberto —, disse estas palavras, as últimas que proferiu: — Críton, devemos um galo a Asclépio... Paguem-lhe, não se esqueçam ! (...)» [\[170\]](#)

Consumava-se, deste modo, a vital missão terrena daquele que era o melhor, o mais sábio e o mais justo dos homens de Atenas... E se o galo pôde cantar a final libertação das clausurantes e penalizantes algemas corpóreas, abrindo caminho a um ansiado e imaginário além [\[171\]](#), não deixou, igualmente, de anunciar a catártica e ressurgente aurora — «... el sol nace, / morir es despertar [\[172\]](#) ...» — de um tempo novo no horizonte da História e na ágora da Pólis Planetária: a universal sagração do amor à sabedoria — filosofia — e, com ela, a inabalável e imorredoura esperança na capacidade que os humanos têm de sonhar, pensar e criar...

Por isso é que no congenial diálogo da vida com a morte, na movência intranscendível e inelutável do processo de metamorfose em que, com ou sem intermitências, *nada se perde e tudo se transforma*, de tal maneira que, na imparável girândola da biosfera, a novas vidas se sucedem novas mortes e a novas mortes se sucedem novas vidas, até que se verifique o estertor final da necrósico-tanáctica implosão do cosmos [\[173\]](#), só nos resta retomar o mito primevo e genesíaco do oleiro bíblico (na memorante e alegórica “lição” de apaixonada e procriadora rejuvenescência do velho Cipriano Algor e da viúva Isaura Madruga de *A Caverna* ...) [\[174\]](#), para, sob o influxo criador de Eros («aquele mesmo amor que devora...») fecundar todas as esterilidades e superar todas as morbidez e desencantos de que vem padecendo sombriamente Deméter... Mas, nessa inabalável convicção soteriológica, alimentada na utopia e na esperança que faz mover o Mundo e transformar a História, importa olhar de novo para o barro adâmico e repensar-lhe e redestinar-lhe o futuro, a partir dos potenciais biogénicos, onírico-poiéticos, imaginais e imaginantes com que, nós, os humanos, afinal somos dotados:

«... tudo ali estava como coberto de barro, não sujo de barro, somente da cor que ele tem, da cor de todas as cores com que saiu da barreira, o que foi sendo deixado por três gerações que todos os dias mancharam as mãos no pó e na água do barro, e também, lá fora, a cor de cinza viva do forno, a

derradeira e esmorecente mornidão de quando o deixavam vazio, como uma casa donde saíram os donos e que se deixa ficar, paciente, à espera, e amanhã, se tudo isto não se acabou já para sempre, outra vez a primeira chama da lenha, o primeiro bafo quente que vai rodear como uma carícia a argila seca, e depois, aos poucos e poucos, a tremulina do ar, uma cintilação rápida de brasa, o alvorecer do esplendor, a irrupção deslumbrante do fogo pleno .» [\[175\]](#)

Essa ígnea irrupção transformar-se-á em irradiação fulgurante e incandescente, em tonificante, estelar e radial vento venturo, polifónica e *mestiçadamente* semeador e reconfigurador das categorias do belo e do bem numa nova “olaria” alimentada por um também novo paradigma educacional e formativo de matriz multicultural, intercultural e transcultural [\[176\]](#) e, assim, verdadeiramente *sin-agógico* e *sin-antropagógico*, em cuja dinâmica de realização concretizadora, tudo se vai principiando e tudo se vai ultimando, para de novo tudo se poder recomeçar diferentemente para melhor, numa caminhada sem fim, em que todos nos vamos sinergicamente criando em cada passo em que se forja cada acto criador...

Sempre, porém, no acto visionante e visionário de uma intercambiante “escuta-mirada” corpóreo-espiritualmente hologramática e pléctica do mundo e da vida, em que cada lance ou simples gesto levede, cresça e se eleve, *contra-burocraticamente* e *meta-tecnologicamente*, às mais altas dimensões da Poética e da Estética da Arte, do Humano e do Sagrado, em definitiva e ascensional *antropopoiése* e na intransferível e cordial “sístole-diástole”, *urbi et orbi*, duma englobante, sinfónica e realimentadora ágape [jgáph] de pão e de vinho, de sabedoria e virtude, de dignidade e justiça, de paz e amor... No fundo, a esperançosa resposta, local e global, humana e divina, ao mítico desafio de instaurar, na Terra, uma nova «idade do ouro», essa utópica flor azul demandada por todos os cavaleiros do sonho...

Mas, para isso, é inadiável travar desde já, e em consonância com Ernesto Sabato [\[177\]](#), o *combate decisivo*: «recuperar (*antes del fin...*) quanto de humanidade houvermos perdido»...

Visionante e apaixonante mirada que, em sua desassossegada inquietude e seminal insatisfação perfectiva de radicar e cumprir o futuro desde os abismos e funduras do passado e na voragem transiente dum presente que não cessa de mover-se, bem pode estar simbólico-alegoricamente figurada e plasmada na «Fábula de Joan Miró» do imortal, porque sempre activamente justo e belo e amavelmente fascinante e originante, Octavio Paz [\[178\]](#):

«(...)

El azul estaba inmovilizado, nadie lo miraba, nadie lo oía:

el rojo era un ciego, el negro un sordomudo.

El viento iba y venía preguntando ¿ por donde anda Joan Miró?

Estaba ahí desde el principio pero el viento no lo veía:

inmovilizado entre el azul y el rojo, el negro y el amarillo,

Miró era una mirada transparente, una mirada de siete manos.

Siete manos en forma de orejas para oír a los siete colores,

siete manos en forma de pies para subir los siete escalones del arco íris,

siete manos en forma de raíces para estar en todas partes y a la vez en Barcelona.

Miró era una mirada de siete manos.

Con la primera golpeaba el tambor de la luna,

con la segunda sembraba pájaros en el jardín del viento,

con la tercera agitaba el cubilete de las constelaciones,

con la cuarta escribía la leyenda de los siglos de los caracoles,

con la quinta plantaba islas en el pecho del verde,

con la sexta hacía una mujer mezclando noche y agua, música y electricidad,

con la séptima borraba todo lo que había echo y comenzaba de nuevo.

(...)»

bibliografia de referência

- Abbagnano , Nicola e Fornero, Giovanni: *Dizionario di Filosofia* , Torino UTET, 3 1998.
- Abbagnano , Nicola: *História da Filosofia* , vol. I, Lisboa, Editorial Presença, 1969.
- Adams , D. L., & Others: « *Science, technology, and human values: An interdisciplinary approach to science education* », apud “Journal of College Science Teaching”, 1986.
- Albert , Hans e Antiseri , Dario: *Epistemologia, Ermeneutica e Scienze Sociali* , Roma, Luiss Edizioni, 2002.
- Alcina , José Franch y Cales , Marisa Bourdet (eds.): *Hacia una ideología para el siglo XXI — Ante la crisis civilizatoria de nuestro tiempo* , Madrid, Ediciones Akal, 2000.
- Almeida-Filho , Naomar de: «Anotações sobre o conceito epidemiológico de risco» e a bibliografia aí citada, apud <http://www.if.ufrgs.br/~thaisa/bn/index.htm#indice> , bem como os
- Arendt , Hannah: *La Condición Humana* , Barcelona, Paidós, 1993.
- Árias , Juan in «O Amor Impossível» (*El País* , 9 de Outubro de 1998).
- Artigos e estudos vários sobre os mais diversos temas (desde Sócrates, Platão, Octavio Paz, Saramago... aos «buracos negros»...) localizáveis nas seguintes *e-fontes* , entre outras:

<http://www.if.ufrgs.br/~thaisa/bn/index.htm#indice>

<http://www.observatorio.ufmg.br/pas19.htm>

http://observatoriophoenix.astrodatabase.net/e_teorias/24_E15.htm

<http://www.terravista.pt/meco/1351/Bnegros.html> ,

<http://www.spaceref.com/tools/imagecathp.html?cid=1>

<http://clientes.vianetworks.es/empresas/lua911/html/daimon.html> .

<http://en.wikipedia.org/wiki/Socrates>

<http://encyclopedia.thefreedictionary.com/>

http://observatoriophoenix.astrodatabase.net/e_teorias/24_E15.htm

<http://plato.stanford.edu/>

<http://www.bartleby.com/65/so/Socrates.html>

<http://www.forma-mentis.net/Filosofia/Socrate.html>

<http://www.san.beck.org/C%26S-Contents.html>

<http://www.spaceref.com/tools/imagecathp.html?cid=1>

<http://www.terraviva.pt/meco/1351/Bnegros.html> ,

<http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/paz/ruiz/>

http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/risc_epid.html

<http://es.wikipedia.org/> . www.forma-mentis.net

<http://www.instituto-camoes.pt/revista/impespanha.htm>

<http://www.observatorio.ufmg.br/pas19.htm> .

- Atlan , Henri: *La fin du tout génétique? Nouveaux paradigmes en biologie* , Paris, INRA Éditions, 1999; *La science est-elle inhumaine? Essai sur la libre nécessité*, Paris, Bayard, 2002.
- Ayres , José Ricardo de Carvalho Mesquita: *Sobre o risco: Para Compreender a Epidemiologia*, São Paulo, Hucitec, 1997.
- Azevedo , Fernando José Fraga de: *A Teoria da Cooperação Interpretativa de Umberto Eco* , Porto, Porto Editora, 1995.
- Bakhtin , Mikhail *et alii* : *The Dialogic Imagination: Four Essays* , Austin , University of Texas Press , 1983.
- Baptista , Fernando Paulo: *Tributo à Madre Língua* , Coimbra, Pé de Página Editores, 2003.
- Bárcena , Fernando : *El oficio de la ciudadanía — Introducción a la educación política* , Barcelona, Ediciones Paidós, 1997.
- Barrow, [John D.](#) (edit.), Davies, [Paul C. W.](#) (edit.) Jr, Harper, Charles L.: *Science and Ultimate Reality: Quantum Theory, Cosmology, and Complexity* , Cambridge , Cambridge University Press, 2004.
- Barrow , John D., Tipler, Frank J.: *The Anthropic Cosmological Principle* , Oxford , Oxford University Press, 1988.

- Barrow , John D.: *Teorias de Tudo — A procura de uma explicação para o universo* , Lisboa, Editorial Presença, 1996.
- Beck , Ulrich, Giddens, Anthony y Lash, Scott: *Modernización reflexiva: política, tradición y estética en el orden social moderno* , Madrid, Alianza Universidad, 1997.
- Beck , Ulrich: *La sociedad del riesgo — Hacia una nueva modernidad* , Barcelona – Buenos Aires México, Paidós, 1998.
- Bertolotti , Giorgio et alii: *Ermeneutica* , Milano, Raffaello Cortina Editore, 2003.
- Boff , Leonardo: *O despertar da águia – o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade* , Petrópolis, Editora Vozes, 6 1998, 11-24).
- Bourdieu , Pierre: *El oficio de científico – ciencia de la ciencia y reflexividad* , Barcelona, Anagrama, 2003.
- Brague , Rémi: *A Sabedoria do Mundo* , Lisboa, Edições Piaget, 2002.
- Brockman , John: *The Third Culture — Beyond the Scientific Revolution* , London , Simon & Schuster, 1995.
- Brunschwig , Jacques e Lloyd, Geoffrey: *El Saber Griego — Diccionario Crítico* , Madrid, Ediciones Akal, 2000.
- Buber , Martin: *¿Qué es el Hombre?* , México-Madrid-Buenos Aires, Breviários, FCE, 13 1986.
- Camões , Luís de: *Os Lusíadas* , Porto, Porto Editora, 2003.
- Castanheira Neves , A.: *Digesta* , vol. 1.º, Coimbra, Coimbra Editora, 1995.
- Castanheira Neves , A.: *O Direito Hoje E Com Que Sentido?*, Lisboa, Edições Piaget, 2002.
- Castanheira Neves , A.: *O Actual Problema Metodológico da Interpretação Jurídica I*, Coimbra, Coimbra Editora, 2003.
- Castoriadis , Cornelius: *Figuras do Pensável* , Lisboa, Edições Piaget, 2000.
- Catecismo da Igreja Católica , Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1993.
- Charpak , Georges e Omnès, Roland: *Sede Sábios, Tornai-vos Profetas* , Lisboa, Publicações Europa América, 2005.
- Clark , Katerina e Holquist, Michael: *Bakhtin* , São Paulo, Perspectiva, 1998.
- Concílio Ecuménico Vaticano II , Braga, SNAO, 1967: «Constituição pastoral — A Igreja no mundo actual».
- Cortina , Adela: *Los ciudadanos como protagonistas* , Barcelona, Galaxia Gutenberg, 1999.
- Costa , Valcicléia Pereira da: «O “daimon” de Sócrates: conselho divino ou reflexão?», *in* Cadernos de Actas da ANPOF, n.º 1, Universidade Estadual de Campinas □ , Campinas, São Paulo, Brasil, 2001.
- Crapanzano , Francesco: *Tra Epistemologia ed Ermeneutica* , Firenze, Phasar Edizioni, 2003.

- Crick , Bernard: *Essays on Citizenship* , London – New York , Continuum, 2000.
- Croiset , Maurice: *Platon — Oeuvres Completes* , tome I, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1959, designadamente o texto grego aí estabelecido quer para a *Apologia de Sócrates* quer para o *Críton*.
- Cruz , António Oliveira: *Synthesis I* , Lisboa, 1988; *Synthesis II* , Lisboa, 1988; *Poética do Tempo* , Lisboa, Edições Piaget, 1995.
- Damásio , António: *Ao Encontro de Espinosa — As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir* , Lisboa, Publicações Europa-América, 2003.
- De Koninck , Thomas: *A nova ignorância e o problema da cultura* , Lisboa, Edições 70, 2003.
- Delors , Jacques (coord.): *Educação: um tesouro a descobrir — relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (UNESCO), Porto, Edições ASA, 1996.
- Domenico , Jervolino: *Paul Ricœur. Une herméneutique de la condition humaine* , Paris, Éditions Ellipses Marketing, 2002.
- Dussel , Enrique: *Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión* , Madrid, Editorial Trotta, 3 2000,
- Echeverría , Javier: *Ciencia y Valores* , Barcelona, Ediciones Destino, 2002.
- Eco , Umberto: *Lector in fabula. La cooperazione interpretativa nei testi narrativi* , Milano, Bompiani, 1979,
- Eco , Umberto: *Os limites da Interpretação* , Lisboa, Difel, 1992.
- Eco , Umberto: *Interpretation and overinterpretation* , New York , Cambridge University Press, 1992.
- Etcheverry , Auguste: *O Conflito Actual dos Humanismos* , Porto, Livraria Tavares Martins, 1958.
- Ferreira , Vergílio: *Pensar* , Lisboa, Bertrand Editora, 1992.
- Formosinho , Sebastião J. e Branco , J. Oliveira: *O Brotar da Criação — Um olhar dinâmico pela Ciência, a Filosofia e a Teologia* , Lisboa, Universidade Católica Editora, 1997.
- Forstater , Mark: *Os ensinamentos espirituais de Sócrates* , Lisboa – Cruz Quebrada, Estrela Polar, 2005.
- Fromm , Erich: «El humanismo como filosofía global del hombre» in *Sobre la desobediencia y otros ensayos* , Barcelona, Paidós Ibérica, 1984.
- Gabilondo , Ángel: *La Vuelta del Otro — Diferencia, Identidad y Alteridad* , Madrid, Editorial Trotta, 2001, 9-15, 199 ss;
- Gabriel , Marcel: *Homo Viator* , Paris, Aubier, 1945.
- Gadamar , Hans-Georg: *Verdad y Método I* , Salamanca, Ediciones Sígueme, 1999.
- Garagalza , Luís: artigo «Humanismo Hermenéutico» in A. Ortiz-Osés y P. Lancersos (dir.): *Diccionario de Hermenéutica* : Bilbao, Universidad de Deusto, 4 2004.

- Gardner , James N.: *Biocosm: The New Scientific Theory of Evolution: Intelligent Life Is the Architect of the Universe* , Inner Ocean Publishing Inc., Makawao, Maui (Hawaii) , 2003.
- Gell-Mann , Murray: *The Quark and the Jaguar: Adventures in the Simple and the Complex* , New York , Freeman, 1994 (versão portuguesa: *O Quark e o Jaguar*, Lisboa, Gradiva, 1997).
- Gesché , Adolphe: *Dios para pensar* , II, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1997.
- Giddens , Anthony: *Modernity and Self-identity — Self and Society in the Late Modern Age* , London , Polity Press / Basil Blackwell, 1991.
- Giddens , Anthony: *Runaway World: How Globalisation is Reshaping Our Lives* , London , Profile Books, 2000 (e também: New York , Routledge, 2003).
- Giuliani , Bruno: *O Amor da Sabedoria* , Lisboa, Edições Piaget, 2002.
- González , Juliana: *Ética y Libertad* , México, Fondo de Cultura Económica, 2 1997.
- Gracia , Diego, Cerezo , Pedro Galán y otros: *La empresa de vivir — Estudios sobre la vida y la obra de Pedro Laín Entralgo* , Barcelona, Galáxia Gutenberg / Círculo de Lectores, 2003.
- Grassi , Ernesto: *La filosofía del humanismo . Preeminencia de la palabra* , Barcelona, Anthropos, 1993.
- Grassi , Ernesto: *La filosofía dell'umanesimo un problema epocale* , Napoli, Tempi Moderni, 1986.
- Güémez , Julio, Fiolhais , Carlos e Fiolhais , Manuel: *Fundamentos de Termodinâmica do Equilíbrio* , Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998.
- Hawking , Stephen: *Breve História do Tempo — Do Big Bang aos Buracos Negros* , Lisboa, Gradiva, 1988.
- Hawking , Stephen: *O Fim da Física* , Lisboa, Gradiva, 1994.
- Heater , Derek: *World Citizenship — Cosmopolitan Thinking and Its Opponents* , London – New York , Continuum, 2002.
- Heidegger , Martin: *El concepto de tiempo* , Madrid, Editorial Trotta, 2003.
- Heidegger , Martin: *Sein und Zeit* , Tübingen, Max Niemeyer, 1967, na tradução de José Gaos: *El Ser y el Tiempo* , México, FCE, 1971.
- Heidegger , Martin: *Carta sobre o Humanismo*, Paris, Aubier, 1970.
- Heidegger , Martin: *Ensaíos e Conferências* , Petrópolis, Editora Vozes, 2002.
- Heidegger , Martin: *Hinos de Hölderlin* , Lisboa, Edições Piaget, 2004.
- Heidegger , Martin: *Sein und Zeit* , Tübingen, Max Niemeyer, 1993 e também na tradução da autoria de Rudolf Boehms et Alphonse de Waelhens: *L'être et le temps* , Paris, Éditions Gallimard, 1969.
- Helder , Herberto: *Photomaton & Vox* , Lisboa, Assírio & Alvim, 1995.

- Jaeger , Werner: *Paideia: los ideales de la cultura griega* , México – Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2 1962.
- Jarrosson , Bruno: *Humanismo e Técnica* , Lisboa, Edições Piaget, 1998.
- Jonas , Hans: *Le Principe Responsabilité* , Paris, Les Éditions du Cerf, 1990.
- Júnior , Manuel Alexandre: *Hermenêutica Retórica* , Lisboa, Livraria Espanhola, 2004.
- Kitto , H. D. F.: *Os Gregos* , Coimbra, Arménio Amado, Editor, Sucessor, 1960,
- Kristeva , Julia: *Polylogue* , Paris, Éditions du Seuil, 1977.
- Küng , Hans: *¿ Existe Dios?* , Madrid, Editorial Trotta, 2005.
- Laerzio , Diogene: *Vite di filosofi* (trad. di Marcello Gigante), Bari – Milano, Laterza – TEA, 1998.
- Laín , Pedro Entralgo: *Idea del Hombre* , Barcelona, Galáxia Gutenberg / Círculo de Lectores, 1996.
- Larue , Gerald A.: «Human Values for the 21st Century» in *Humanism Today* , vol. 12, 1998.
- Lesky , Albin: *Historia de la Literatura Griega* , Madrid, Gredos, 1968.
- Lévinas , Emmanuel: artigo « *Les droits de l'homme et les droits d'autrui*» in *Hors sujet* , Fata Morgana, Paris, 1997.
- Lévinas , Emmanuel: *Humanisme de l'autre homme* , Fata Morgana, Paris, 1972.
- Lévinas , Emmanuel: *La realidad y su sombra. Libertad y mandato, Transcendencia y altura* , Madrid, Editorial Trotta, 2001.
- Lévinas , Emmanuel: *Totalidad e Infinito – Ensayo sobre la exterioridad* , Salamanca, Ediciones Sígueme, 7 2002.
- Lévinas , Emmanuel: *Totalité et Infini. Essai sur l'extériorité* , Paris, LGF Livre de Poche, 1990.
- Lipovetsky , Gilles: *A era do vazio* [trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria], Lisboa, Relógio d'Água, 1989.
- Lipovetsky , Gilles: *O crepúsculo do dever — a ética indolor dos novos tempos democráticos* , Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1994.
- Longo , Giuseppe: *Homo technologicus* , Roma, Meltemi, 2001.
- Lorite , José Mena: artigo «Hombre», in A. Ortiz-Osés y P. Lanceros (dir.): *Diccionario de Hermenéutica* : Bilbao, Universidad de Deusto, 4 2004.
- Lucas , Juan de Sahagún (dir.): *Nuevas antropologías del siglo XX* , Salamanca, Ediciones Sígueme, 1994.
- Luri , Gregório Medrano: *El Proceso de Sócrates* , Madrid, Editorial Trotta, 1998.
- Luri , Gregório Medrano: *Guía para no entender a Sócrates (Reconstrucción de la atopía socrática)* , Madrid, Editorial Trotta, 2004.

- Malherbe , Michel e Gaudin , Philippe: *As Filosofias da Humanidade* , Lisboa, Edições Piaget, 2001.
- Mardas , Nancy: «Creative Imagination – The Primogenital Force of Human Life», *apud* : http://www.phenomenology.org/mardas04.htm#_edn3 .
- Maritain , Jacques: *L'Humanisme Intégrale*, Paris , Éditions Aubier-Montaigne, 1936;
- Martínez , Emilio Navarro: *Ética para el Desarrollo de los Pueblos* , Madrid, Trotta, 2000.
- Másmela , Carlos: *Martin Heidegger: El tiempo del Ser* , Madrid, Editorial Trotta, 2000.
- Mirandola , Giovanni Pico della: *Oratio De Hominis Dignitate* , Paris, Éditions de L'Éclat, 3 2002 (edição bilingue [latim > francês] de Yves Hersant).
- Molinuevo , José Luis: *Humanismo y Nuevas Tecnologías* , Madrid, Alianza, 2004.
- Morin , Edgar e Cyrulnik, Boris: *Diálogo sobre a Natureza Humana* , Lisboa, Edições Piaget, 2004.
- Morin , Edgar: *O Desafio do Século XXI — Religar os Conhecimentos* , Lisboa, Edições Piaget, 2001.
- Morin , Edgar: *O Método V. — A Humanidade da Humanidade* , Lisboa, Publicações Europa-América, 2003.
- Morin , Edgar: *O Problema Epistemológico da Complexidade* , Lisboa, Publicações Europa-América, 1983.
- Ortiz-Osés , A. y Lanceros, P. (dir.): *Diccionario de Hermenéutica* : Bilbao, Universidad de Deusto, 4 2004,
- Ott , Michaela: «Ethik und Ästhetik in der Philosophie der Phänomenologie und des Poststrukturalismus», *apud* http://www.momo-berlin.de/Ott_Ethik_Aesthetik.html.
- Pacheco , Mário: artigo «Humanismo», in *Logos — Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* , Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, tomo 2, 1990.
- Pagels , Heinz R.: *O Código Cósmico* , Lisboa, Gradiva, 1987.
- Pagels , Heinz R.: *Os Sonhos da Razão* , Lisboa, Gradiva, 1990.
- Parekh , Bhiku: *Repensando el multiculturalismo* , Madrid, Ediciones Istmo, 2005.
- Paz , Octavio: *Corriente alterna* , México, Siglo XXI, 17 1988.
- Paz , Octavio: *Cuadrivio* , México, J. Mortiz, 1991.
- Paz , Octavio: *El arco y la lira* , Madrid, Fondo de Cultura Económica – España, 2 2004;
- Paz , Octavio: *Pasión Crítica* , Barcelona, Seix Barral, 2 1990.
- Paz , Octavio: *Hombres en su siglo* , México, Seix Barral, 1990.
- Paz , Octavio: *Itinerario* , México, FCE, 1993.
- Paz , Octavio: *La búsqueda del comienzo. Escritos sobre el surrealismo* , Madrid, Fundamentos, 1983.

- Paz , Octavio: *Las peras del olmo* , Barcelona, Seix Barral, 1986.
- Paz , Octavio: *Puertas al campo* , Barcelona, Seix Barral, 1989.
- Paz , Octavio: *Libertad bajo palabra* , Madrid, Fondo de Cultura Económica, Sucursal para España, 1990.
- Paz , Octavio: *Lo mejor de Octavio Paz — El fuego de cada día* , Barcelona, Seix Barral, 1990.
- Paz , Octavio: *Los signos en rotación y otros ensayos* , Madrid, Alianza, 1971.
- Pereira , Maria Helena da Rocha: artigo «Sócrates» in Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura, Edição Século XXI, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 2003.
- Pereira , Maria Helena da Rocha: *Estudos de História da Cultura Clássica , vol. I, Cultura Grega* , Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 8 1998.
- Pereira , P. A. T. Silva: artigo «Sócrates» in *Logos – Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Filosofia* , Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 1992, vol. 4.
- Pérez , José Antonio Tapias: *Filosofía y crítica de la cultura* , Madrid, Editorial Trotta, 2 2000.
- Pessoa , Fernando (Álvaro de Campos): *Poesia* , Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.
- Pinto , Fernando Cabral: *Sócrates um filósofo bastardo* , Lisboa, Edições Piaget, 2002.
- Platão : *Apologia de Sócrates, Éutifron, Críton* (prefácio, tradução e notas de Manuel Oliveira Pulquério): Lisboa, Editorial Verbo, 1972.
- Platão : *Fédon* , (introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Coimbra, INIC, 1983.
- Prantzos , Nikos: *Our Cosmic Future: Humanity's Fate in the Universe* , Cambridge , Cambridge University Press, 2000.
- Prigogine , Ilya / Stengers , Isabelle: *Entre o Tempo e a Eternidade* , Lisboa, Gardiva, 1990.
- Reale , Giovanni – Antiseri, Dario: *Storia della Filosofia* (vol. 1: Dall'Antichità al Medioevo), Brescia, Editrice La Scuola , 5 2000.
- Ricœur , Paul: *Soi-même comme un autre* , Paris, Seuil, 1997 (também existe em versão espanhola, com o título de: *Sí mismo como otro* , Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores, 1996).
- Ricœur , Paul: *La mémoire, l'histoire, l'oubli* , Paris, Seuil, 2003.
- Ruiz , María del Carmen de la Cierva : «Imagen intelectual de Octavio Paz», in <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/paz/ruiz/>.
- Sabato , Ernesto: *Antes del fin* , Barcelona, Editorial Seix Barral, 2003.
- Sabato , Ernesto: *Resistir* , Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2005.
- Sagan , Carl: *Cosmos* , Lisboa, Gradiva, 1984.

- Saramago , José: *As Intermittências da Morte* , Lisboa, Editorial Caminho, 2005.
- Saramago , José: *A Caverna* , Lisboa, Editorial Caminho, 2000.
- Saramago , José: *A Jangada de Pedra* , Lisboa, Editorial Caminho, 1986.
- Saramago , José: *Ensaio sobre a Cegueira* , Lisboa, Editorial Caminho, 1995, 303.
- Saramago , José: *Ensaio sobre a Lucidez* , Lisboa, Editorial Caminho, 2004.
- Saramago , José: *História do Cerco de Lisboa* , Lisboa, Editorial Caminho, 1989.
- Saramago , José: *Manual de Pintura e Caligrafia* , Lisboa, Editorial Caminho, 1983.
- Saramago , José: *Memorial do Convento* , Lisboa, Editorial Caminho, 1982.
- Saramago , José: *O Ano da Morte de Ricardo Reis* , Lisboa, Editorial Caminho, 1984.
- Saramago , José: *Os Poemas Possíveis* , Lisboa, Editorial Caminho, 4 1998.
- Saramago , José: *Todos os Nomes* , Lisboa, Editorial Caminho, 1997.
- Sartre , Jean-Paul: *O Existencialismo é um Humanismo* (tradução de Vergílio Ferreira precedida de um prefácio-ensaio), Lisboa, Editorial Presença, 1962.
- Serres , Michel: *Atlas* , Lisboa, Edições Piaget, 1997, 11-20 ss.
- Serres , Michel: *Diálogo sobre a Ciência, a Cultura e o Tempo* , Lisboa, Edições Piaget, 1996.
- Serres , Michel: *Hominescence* , Paris, Le Pommier, 2001.
- Serres , Michel: *L'Incandescent* , Paris, Éditions Le Pommier, Paris, 2001.
- Serres , Michel: *Le Tiers-Instruit* , Paris, François Bourin, 1991 (*O Terceiro Instruído*, Lisboa, Edições Piaget, 1996).
- Serres , Michel: *O Contrato Natural* , Lisboa, Edições Piaget, 1994.
- Serres , Michel: *O Terceiro Instruído*, Lisboa, Edições Piaget, 1996.
- Silverman , Hugg J.: *Testualità tra Ermeneutica e Decostruzione* , Milano, Spirali, 2003.
- Sihler : Andrew L.: *New Comparative Grammar of Greek and Latin* , New York / Oxford , Oxford University Press, 1995.
- Steiner , George: *La idea de Europa* , Madrid, Ediciones Siruela, 2005.
- Steiner , George: *No Castelo do Barba Azul. Algumas Notas para a Redefinição da Cultura*: Lisboa, Relógio d'Água, 1992.
- Steiner , George: *Presenças Reais* , Lisboa, Editorial Presença, 1993.
- Steiner , George: *La barbarie de la ignorancia* , Madrid, Taller de Mario Muchnik, 2000.

- Steiner , George: *Pasión Intacta* , Madrid, Ediciones Siruela, 1997.
- Steiner , George: *Gramáticas da Criação* , Lisboa Relógio d'Água Editores, 2002.
- Steiner , George: *Lenguaje Y Silêncio* , Barcelona, Editorial Gedisa, 2003.
- Steiner , George: *Extraterritorial* , Madrid, Ediciones Siruela, 2002.
- Steiner , George: *After Babel . Aspects of Language and Translation* , Oxford , Oxford University Press, 2 1992.
- Tamayo-Acosta , Juan José: *Nuevo Paradigma Teológico* , Madrid, Editorial Trotta, 2 2004.
- Texier , Roger: *Socrate Enseignant — De Platon à nous* , Paris , Éditions L'Harmattan, 1998.
- Tipler , Frank J.: *The Physics of Immortality: Modern Cosmology, God and the Resurrection of the Dead* , New York , Doubleday, 1994.
- Todorov , Tzvetan: *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique* , Paris, Seuil, 1981.
- Trigg , Roger: *Racionalidade e Religião — Precisar a Fé da Razão* , Lisboa, Edições Piaget, 2001.
- Tubiana , Maurice, Vrousos , Constantin, Carde , Catherine, Pagès , Jean-Pierre (eds.): *Risque et Société* , Paris, Éditions NucléoN, 1999.
- Tymieniecka , Anna-Teresa (ed.): *Imaginatio Creatrix: The Pivotal Force Of The Genesis/Ontopoiesis Of Human Life And Reality* (Analecta Husserliana), Kluwer Academic Publishers, Dordrecht , 2004.
- Tymieniecka , Anna-Teresa (ed.): [Metamorphosis: Creative Imagination in Fine Arts Between Life-Projects and Human Aesthetic Aspirations](#) , Dordrecht, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 2004.
- Tymieniecka , Anna-Teresa: *From the Sacred to the Divine: A New Phenomenological Approach* (Analecta Husserliana), Dordrecht , Netherlands , Springer, 1994.
- Valcárcel , Amelia: *Ética para un mundo global: una apuesta por el humanismo frente al fanatismo* , Madrid, Ediciones Temas de hoy, 2002.
- Vallée , Catherine: *Hannah Arendt, Sócrates e a Questão do Totalitarismo* , Lisboa, Edições Piaget, 2003.
- Vergílio : *Eneida* , Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1961 (texte établi par Henri Goelzer).
- Vernant , Jean-Pierre y otros: *El Hombre Griego* , Madrid, Alianza Editorial, 2 2000.
- Wikipedia , la enciclopedia libre.
- Zubiri , Xavier: *El Hombre y Dios* , Madrid, Alianza Editorial, 1994.
- Zubiri , Xavier: *Sobre el Hombre* , Madrid, Alianza Editorial, 1998.
- Zubiri , Xavier: *El Hombre y la Verdad* , Madrid, Alianza Editorial, 2001.

* Reescrita de uma comunicação mais breve, apresentada às “ 4. as Conferências Internacionais de Epistemologia e Filosofia”, subordinadas ao tema « *século xxi — o desafio socrático de como devir humano, uno e múltiplos ...* » (em referência ao legado antropológico, cultural, poético-literário e filosófico de Sócrates, Octavio Paz, Michel Serres e José Saramago) e organizadas pelo Centro de Reflexão Antropológica (CReA) do Instituto Piaget, em Viseu, dias 9, 10,

[1] A. Castanheira Neves: in «apresentação-comentário» de *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003, 27-28.

[2] Cf. José Saramago: «Livro das Previsões», in *As Intermittências da Morte*, Lisboa, Editorial Caminho, 2005, 9.

[3] Cf.: Giovanni Pico della Mirandola: *Oratio De Hominis Dignitate*, Paris, Éditions de l'Éclat, 3 2002 (edição bilingue [latim > francês] de Yves Hersant); Jacques Maritain: *L'Humanisme Intégrale*, Paris, Éditions Aubier-Montaigne, 1936; Auguste Etcheverry: *O Conflito Actual dos Humanismos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1958; Martin Heidegger: *Carta sobre o Humanismo*, Paris, Aubier, 1970; Jean-Paul Sartre: *O Existencialismo é um Humanismo* (tradução de Vergílio Ferreira precedida de um substancial prefácio-ensaio, escrito nos inícios dos “anos 60”, que continua actual em seus nucleares aspectos temático-problemáticos e em sua fina e englobante dimensão interpretativo-compreensiva [7-169], Lisboa, Editorial Presença, 1962; Emmanuel Lévinas: *Humanisme de l'autre homme*, Fata Morgana, Paris, 1972; Emmanuel Lévinas: *Totalité et Infini. Essai sur l'extériorité*, Paris, LGF Livre de Poche, 1990; Emmanuel Lévinas: artigo « *Les droits de l'homme et les droits d'autrui*» in *Hors sujet*, Fata Morgana, Paris, 1997, 157-170; Martin Buber: *¿Qué es el Hombre?*, México-Madrid-Buenos Aires, Breviários, FCE, 13 1986; Juan de Sahagún Lucas (dir.): *Nuevas antropologías del siglo XX*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1994; Pedro Laín Entralgo: *Idea del Hombre*, Barcelona, Galaxia Gutenberg / Círculo de Lectores, 1996; Mário Pacheco: artigo «Humanismo», in *Logos — Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, tomo 2, 1990, 1213-1217; Michel Malherbe e Philippe Godin: *As Filosofias da Humanidade*, Lisboa, Edições Piaget, 2001; José Lorite Mena: artigo «Hombre», in A. Ortiz-Osés y P. Lanceros (dir.): *Diccionario de Hermenéutica*: Bilbao, Universidad de Deusto, 4 2004, 221-228; Luís Garagalza: artigo «Humanismo Hermenéutico» in A. Ortiz-Osés y P. Lanceros (dir.): *Diccionario de Hermenéutica*: Bilbao, Universidad de Deusto, 4 2004, 229-232; Hannah Arendt: *La Condición Humana*, Barcelona, Paidós, 1993; Amelia Valcárcel: *Ética para un mundo global: una apuesta por el humanismo frente al fanatismo*, Madrid, Ediciones Temas de hoy, 2002; Ulrich Beck, Anthony Giddens y Scott Lash: *Modernización reflexiva: política, tradición y estética en el orden social moderno*, Madrid, Alianza Universidad, 1997; Erich Fromm: «El humanismo como filosofía global del hombre» in *Sobre la desobediencia y otros ensayos*, Barcelona, Paidós Ibérica, 1984; Bruno Jarrosson: *Humanismo e Técnica*, Lisboa, Edições Piaget, 1998; Adams, D. L., & Others: « *Science, technology, and human values: An interdisciplinary approach to science education* », apud “*Journal of College Science Teaching*”, 1986, 15(4), 254-258; Giuseppe Longo: *Homo technologicus*, Roma, Meltemi, 2001; Emilio Martínez Navarro: *Ética para el Desarrollo de los Pueblos*, Madrid, Trotta, 2000, 127 ss, 189 ss; Rémi Brague: *A Sabedoria do Mundo*, Lisboa, Edições Piaget, 2002; Javier Echeverría: *Ciencia y Valores*, Barcelona, Ediciones Destino, 2002, 117 ss, 211 ss; Xavier Zubiri: *El Hombre y Dios*, Madrid, Alianza Editorial, 1994; Xavier Zubiri: *Sobre el Hombre*, Madrid, Alianza Editorial, 1998; Xavier Zubiri: *El Hombre y la Verdad*, Madrid, Alianza Editorial, 2001; Ernesto Grassi: *La filosofia dell'umanesimo un problema epocale*, Napoli, Tempi Moderni, 1986; Ernesto Grassi: *La filosofia del humanismo. Preeminencia de la palabra*, Barcelona, Anthropos, 1993; Paul Ricœur: *Soi-même comme un autre*, Paris, Seuil, 1997; Paul Ricœur: *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Seuil, 2003; Jervolino Domenico: *Paul Ricœur. Une herméneutique de la condition humaine*, Paris, Éditions Ellipses Marketing, 2002; Gerald A. Larue: «Human Values for the 21st Century» in *Humanism Today*, vol. 12, 1998; José Luis Molinuevo: *Humanismo y Nuevas Tecnologías*, Madrid, Alianza, 2004, 67-230; Edgar Morin e Boris Cyrulnik: *Diálogo sobre a Natureza Humana*, Lisboa, Edições Piaget, 2004.

[4] Cf. Georges Charpak e Roland Omnès: *Sede Sábios, Tornai-vos Profetas*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2005, 13, 239.

[5] Paráfrase expansiva da seguinte (e bem sugestiva) passagem de uma carta de Oliveira Cruz dirigida a José Saramago: « *Em síntese, o pensar que pensa só pensa se sentir. Melhor, o sentido das coisas e do que houver vai pelos sentires. E nisto, escritores, poetas e criadores são — é verdade, bem misteriosamente — os sensores das comoções mais profundas e as mais leves que nos fazem vibrar e ouvir-nos na interrogação e no espanto* ».

[6] De sublinhar, neste contexto, que a “estética” (nome proveniente do adjectivo grego *aísthikós*, -ος, -ή, portador da mesma raiz *au- /ai-* * [susceptível de ampliamentos do tipo: *au-dh-*, *awis-th-*, *awisdh-yo* > *audh-yo*] e, portanto, com a etimologia e semântica profunda de lexemas gregos como *awio* (perceber através dos sentidos, nomeadamente o da *audição-escuta*), *αἰσθάνομαι* i, *αἴσθημα*, *αἴσθησις*, *αἴσθησις*, *αἴσθητός*, -ή, -όν e de lexemas latinos como *audio*, -is, -ire [= ouvir, escutar, perceber], *audibilis*, -e, *auditio*, -onis, *audito*, -as, -are, *auditor*, *auditorium*, *auditus*, *oboedio**, *oboedientia** (com os correspondentes vocábulos portugueses daí provenientes: *estesia*, *estese*, *estético*, *audível*, *audição*, *auditar*, *auditor*, *auditoria*, *auditório*, *obedecer*, *obediência* ...), com ser a dimensão, por excelência, da sensibilidade artística e da específica reflexão filosófica em torno da categoria do “belo”, não deixa de se configurar também como uma “teoria geral da recepção artística” e ocupar, assim (dada a sua qualitativa complexidade e exigência de afinamento competencial, procedimental e operativo...), um lugar de inquestionável relevo numa “teoria geral da recepção” (e da interpretação...), a alimentar todos os processos criativos, podendo mesmo dizer-se que, sem *aisthesis* não há *poiesis* e que esta convoca imediatamente aquela, nos decisivos momentos do labor hermenêutico-compreensivo e da *fruição sensivo-inteligente* das suas realizações semio-expressionais...

* Notas:

a) – A raiz *au- / ai-*, dada, por um lado, a esfera de pertença ôntica para que remete e, pelo outro, a sua contiguidade referencial e semântica, não deixa de evocar e convocar também a raiz *ous- / aus-* > *aur-* [ouvir, escutar, perceber através do ouvido], presente em lexemas latinos como *auris* [< *ausis* (= orelha) com rotacismo: *s > r*], *auricula* [> *aurícula* e *orelha*], *auricularis*, *auscultatio*, *auscultator*, *ausculto*, -as, -are ... e no lexema grego οὖς, ὠτός, [= orelha, órgão da escuta], cujo radical *ot-* é um constituinte morfogénico de um significativo conjunto de lexemas de uso especializado, com particular destaque para as ciências médicas: *otálgico*, *otalgia*, *otária*, *otite*, *otocefalia*, *otólito*, *otoplastia*, *otorreia*, *otorrino*, *otorrinolaringologista*, *otoscopia*, *otoscópio*, *ototerapia*, *parótico*, *parótide/a*, *parotidite* ...

b) – Sem prejuízo das pertinentes e prudentes observações feitas por Andrew L. Sihler (Andrew L. Sihler: *New Comparative Grammar of Greek and Latin*, New York / Oxford, Oxford University Press, 1995, § 59 a. e §70, 3. a., págs. 54-55 e pág. 64, respectivamente), os lexemas *oboedio* e *oboedientia* são, pelo menos desde os gramáticos Sextus Pompeius Festus (sécs. II-III d. C.) e Saxo Grammaticus (séc. XII-XIII d. C.), considerados como derivados do verbo *audio*, por prefixação (< prefixo *ob* (= ao encontro de, em direcção a...) + *audio*, segundo uma linha de evolução fonética e de expressão grafemática próxima do seguinte: *ob* + *audio* > *ob* + *oidio* > *oboedio* > *obedio*; de onde, o significado de «direccionar o ouvido, a escuta, para a “fonte” de onde vem a fala, a fim de prestar ouvidos à voz de comando», ou seja, *obedecer*; a *oboedientia* / *obedientia* [> *obediência*] (que não deve confundir-se com *subserviência* ...) é, assim, a *postura de quem sabe ouvir, escutar e respeitar a voz da autoridade* ...

Sobre a problemática da “interpretação”, ver, entre outros: Umberto Eco: *Lector in fabula. La cooperazione interpretativa nei testi narrativi*, Milano, Bompiani, 1979, 24, onde se parte da ideia de que o texto é « *una macchina pigra che esige dal lettore un fiero lavoro cooperativo per riempire spazi di non-detto o di già-detto rimasti per così dire in bianco* »; idem: *Os limites da Interpretação*, Lisboa, Difel, 1992; idem: *Interpretation and overinterpretation*, New York, Cambridge University Press, 1992; Hans-Georg Gadamer: *Verdad y Método I*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1999, 331-377; A. Castanheira Neves: *O Actual Problema Metodológico da Interpretação Jurídica I*, Coimbra, Coimbra Editora, 2003, 11-44; Fernando José Fraga de Azevedo: *A Teoria da Cooperação Interpretativa de Umberto Eco*, Porto, Porto Editora, 1995; Hans Albert e Dario Antiseri: *Epistemologia, Ermeneutica e Scienze Sociali*, Roma, Luiss Edizioni, 2002; Giorgio Bertolotti et alii: *Ermeneutica*, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2003; Hugg J. Silverman: *Testualità tra Ermeneutica e Decostruzione*, Milano, Spirali, 2003; Francesco

Crapanzano: *Tra Epistemologia ed Ermeneutica* , Firenze, Phasar Edizioni, 2003; Manuel Alexandre Júnior: *Hermenêutica Retórica* , Lisboa, Livraria Espanhola, 2004, 195-239.

[7] José Saramago: *Manual de Pintura e Caligrafia* , Lisboa, Editorial Caminho, 1983, 49.

[8] *Idem* , *ibidem* , 54.

[9] Octavio Paz: *Lo mejor de Octavio Paz — El fuego de cada día* , Barcelona, Seix Barral, 1990, 98-99, 206.

[10] Cf. Octavio Paz: *Hombres en su siglo* , México, Seix Barral, 1990, 77.

[11] Octavio Paz: *Lo mejor...* , cit., 322-323.

[12] Cf. Octavio Paz: *Hombres en su siglo* , cit., 77.

[13] Octavio Paz: *Lo mejor...* , cit., 283.

[14] Cf. Octavio Paz: *Itinerario* , México, FCE, 1993, 36.

[15] Ver, *supra* , nota 5.

[16] Cf. Edgar Morin: *O Método V. — A Humanidade da Humanidade* , Lisboa, Publicações Europa-América, 2003, 236.

[17] Cf. Michel Serres: *O Contrato Natural* , Lisboa, Edições Piaget, 1994, 184 ss.

[18] Sobre os conceitos de «Citizenship» e «World Citizenship», ver: a) Bernard Crick: *Essays on Citizenship* , London – New York, Continuum, 2000, 3-11, 136-145; b) Derek Heater: *World Citizenship — Cosmopolitan Thinking and Its Opponents* , London – New York, Continuum, 2002, 1-25, 180-188; Fernando Bárcena : *El oficio de la ciudadanía — Introducción a la educación política* , Barcelona, Ediciones Paidós, 1997; Adela Cortina: *Los ciudadanos como protagonistas* , Barcelona, Galaxia Gutenberg, 1999.

[19] Cf. Hans Jonas: *Le Principe Responsabilité* , Paris, Les Éditions du Cerf, 1990, pág. 30, 57 ss.

[20] Cf. Martin Heidegger: *El concepto de tiempo* , Madrid, Editorial Trotta, 2003, 23-61 (especialmente 58: «el ser-ahí es el tiempo, el tiempo es temporal. (...) El ser-ahí no es el tiempo, sino la temporalidad»); *Sein und Zeit* , Tübingen, Max Niemeyer, 1967, na tradução de José Gaos: *El Ser y el Tiempo* , México, FCE, 1971, 253 ss; Carlos Másmela: *Martin Heidegger: El tiempo del Ser* , Madrid, Editorial Trotta, 2000.

[21] Cf. Martin Heidegger: *Carta sobre o Humanismo* , Paris, Aubier, 1970, 79.

[22] Cf. António Oliveira Cruz: *Poética do Tempo* , Lisboa, Edições Piaget, 1995, 106.

[23] Octavio Paz: *Lo mejor ...* , cit., 189-194.

[24] Cf. Michel Malherbe e Philippe Gaudin: *As Filosofias da Humanidade* , Lisboa, Edições Piaget, 2001, 443.

[25] Em grego: eironeia > *ironia*. Para um entendimento mais desenvolvido do que seja a “ironia socrática”, ver *infra* , págs. 32-33.

[26] Em grego: ἡ μαιευτικὴ [subentendido: τέχνη] = a arte de ajudar a dar à luz, o ofício de parteira.

[27] A. Castanheira Neves: *Digesta*, vol. 1.º, Coimbra, Coimbra Editora, 1995, 313: ensaio «A imagem do homem no universo prático», 311-336.

[28] O adjectivo 'simbólico' provém do grego συμβολικός, da mesma família do verbo *sumbállw* (< *sum* + *bállw*) que tem o significado originário de *lançar (bállw) de modo combinado* (*sum* = *syn* = *cum* > *com*), isto é, *lançar as coisas de modo que permaneçam juntas, unidas*; por sua vez, o adjectivo 'diabólico' provém do grego διαβολικός, -όν, da mesma família de συμβάλλω, com o significado matricial de *lançar de modo separativo, dispersivo, desagregador* [*dia* > *dia* = *dis* > *des*], ou seja, *lançar as coisas de modo que fiquem separadas, desunidas*; de notar que a raiz *bal-* do verbo *bállw* é a mesma do lexema 'balística', com o qual se designa a «ciência que se ocupa do estudo do lançamento, movimento e trajetória dos projecteis»; tendo em conta a semântica profunda que irrompe da etimologia, poderá dizer-se que a essência do "simbólico" reside na sua "energia unitiva e congregante", ao passo que a essência do "diabólico" assenta na sua "força dissociante e desagregante" (cf. Leonardo Boff: *O despertar da águia – o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*, Petrópolis, Editora Vozes, 6 1998, 11-24).

[29] Cf. Octavio Paz: *Cuadrivio*, México, J. Mortiz, 1991, 90.

[30] Cf. Octavio Paz: *Libertad bajo palabra*, Madrid, Fondo de Cultura Económica, Sucursal para España, 1990, 109 (poema "El Prisionero"): « *El hombre está habitado por silencio y vacío. / ¿Cómo saciar esta hambre, / cómo acallar y poblar su vacío? / ¿Cómo escapar a mi imagen? / Sólo en mi semejante me trasciendo, / Sólo su sangre da fe de otra existencia* ».

[31] Octavio Paz: *Lo mejor...*, cit., 328.

[32] Cf. Octavio Paz: *El arco y la lira*, Madrid, Fondo de Cultura Económica de España, 2004, 180-181: «La voz poética, la *otra voz* es mi voz. El ser del hombre contiene ya a ese otro que quiere ser. (...) La amada está ya en nuestro ser, como sed y "otredad". (...) Más allá, fuera de mí, en la espesura verde y oro, entre las ramas trémulas, canta lo desconocido. Me llama. (...) Todos los hombres son este hombre que es otro y yo mismo. Yo es tú. Y también él y nosotros y vosotros y esto y aquello»; cf. o bem fundamentado estudo de María del Carmen Ruiz de la Cierva: «Imagen intelectual de Octavio Paz», in <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/paz/ruiz/>.

[33] Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua*, Coimbra, Pé de Página Editores, 2003, 542; este princípio está em inteira consonância com o lema renano das almas nobres que Ortega y Gasset tomou como seu: «excluir la exclusión» (cf. Diego Gracia, Pedro Cerezo Galán y otros: *La empresa de vivir — Estudios sobre la vida y la obra de Pedro Laín Entralgo*, Barcelona, Galáxia Gutenberg / Círculo de Lectores, 2003, 51).

[34] Ver *supra*, nota 31.

[35] Com esta metáfora inspirada numa sintetizante combinatória de "biónica" com "artónica", pretendo sugerir a assunção, no plano metodológico, de *um novo paradigma educacional e formativo* que retire das "engenharias" e das "tecnologias" que se ocupam da análise, estudo e imitação dos "sistemas da vida, da natureza e da arte" (esta última, por exemplo, nas suas relações com a construção de edifícios e a modelação de equipamentos específicos da área da saúde...) o que eles encerram em si de mais inovador e criativo. Assim, e clarificando: 1) « *Bionics* (also known as Biomimetics, Biognosis or Biomimicry...) is the application of methods and systems found in nature to the study and design of engineering systems and modern technology» (cf.: en.wikipedia.org/wiki/Bionics); 2) por sua vez, « ... *Artonic* encompasses this creative spirit (...): artists, at their best, reflect a concern for humanity; engagement in making an artwork is very often a response to the wonder of the human experience and attempts to express and understand this; it is often generous and can even be noble; it is something of this that makes it so good in health; there is a natural affinity between the arts and the health

communities; buildings are understood in many different ways; there are of course the mechanics, the layout, the function, the organisation of circulation space and clinical space for example, but there is also the mood, the feel of the building; there are of course more practical reasons, very often new buildings take over from old, these can have sentimental attachments for those who worked in them, carrying some elements of the old into the new can smooth the transition...».

Cf. http://www.lustre.co.uk/artonic_web/bckgrnd_pages/health.html;

e também: http://www.rogermichell.co.uk/artonic_web/bckgrnd_pages/artonic.html.

[36] *Idem, ibidem*, 555.

[37] Ver, por exemplo, Juan José Tamayo-Acosta: *Nuevo Paradigma Teológico*, Madrid, Editorial Trotta, 2004, 11-14.

[38] Isto é: limpo de todas as “teias de aranha” que o vêm povoando e desfigurando...

[39] Crise que Gilles Lipovetsky, por exemplo, tenta caracterizar, condensadamente, sob as famosas e sugestivas metáforas de «a era do vazio» e de «o crepúsculo do dever»... Cf. Gilles Lipovetsky: a) *A era do vazio* [trad. de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria], Lisboa, Relógio d'Água, 1989; b) *O crepúsculo do dever — a ética indolor dos novos tempos democráticos*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1994; Fernando Paulo Baptista: *Tributo à Madre Língua ...*, cit., 544-545; José Alcina Franch y Marisa Calés Bourdet (eds.): *Hacia una ideología para el siglo XXI — Ante la crisis civilizatoria de nuestro tiempo*, Madrid, Ediciones Akal, 2000; Enrique Dussel: *Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión*, Madrid, Editorial Trotta, 3 2000; Juliana González: *Ética y Libertad*, México, Fondo de Cultura Económica, 2 1997; Anthony Giddens: *Modernity and Self-identify — Self and Society in the Late Modern Age*, London, Polity Press / Basil Blackwell, 1991; José Antonio Pérez Tapias: *Filosofía y crítica de la cultura*, Madrid, Editorial Trotta, 2 2000.

[40] Cf. Emmanuel Levinas: *Totalidad e Infinito – Ensayo sobre la exterioridad*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 7 2002, 57-127; *La realidad y su sombra. Libertad y mandato, Transcendencia y altura*, Madrid, Editorial Trotta, 2001, 120-122; Paul Ricœur: *Sí mismo como otro*, Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores, 1996, 365 ss; Ángel Gabilondo: *La Vuelta del Otro — Diferencia, Identidad y Alteridad*, Madrid, Editorial Trotta, 2001, 9-15, 199 ss; Martin Buber: *¿Qué es el Hombre?*, México-Madrid-Buenos Aires, Breviários, FCE, 13 1986, 93 ss, 107 ss, 141-151.

[41] Cf., a título de exemplo, Anna-Teresa Tymieniecka: *From the Sacred to the Divine: A New Phenomenological Approach* (Analecta Husserliana), Dordrecht, Netherlands, Springer, 1994.

[42] Octavio Paz: *Lo mejor ...*, cit., 328.

[43] José Saramago: *Memorial...*, cit., 144.

[44] Octavio Paz: *Lo mejor...*, cit., 285.

[45] José Saramago: *Ensaio sobre a Lucidez*, Lisboa, Editorial Caminho, 2004, 238.

[46] Cf. Ilya Prigogine / Isabelle Stengers: *Entre o Tempo e a Eternidade*, Lisboa, Gardiva, 1990, 179.

[47] Cf. Julio Güémez, Carlos Fiolhais e Manuel Fiolhais: *Fundamentos de Termodinâmica do Equilíbrio*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998.

[48] Cf. Stephen Hawking: *O Fim da Física*, Lisboa, Gradiva, 1994, 28-41.

[49] Cf. Frank J. Tipler: *The Physics of Immortality: Modern Cosmology, God and the Resurrection of the Dead*, New York, Doubleday, 1994; Concílio Ecuménico Vaticano II, Braga, SNAO, 1967: «Constituição pastoral — A Igreja no mundo actual», ponto 39, 370-371; Catecismo da Igreja Católica, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1993, 77 ss; Sebastião J. Formosinho e J. Oliveira Branco: *O Brotar da Criação — Um olhar dinâmico pela Ciência, a Filosofia e a Teologia*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1997; Roger Trigg: *Racionalidade e Religião — Precisar a Fé da Razão*, Lisboa, Edições Piaget, 2001; Carl Sagan: *Cosmos*, Lisboa, Gradiva, 1984, 281-309; Heinz R. Pagels: *O Código Cósmico*, Lisboa, Gradiva, 1987, 369-380, 403-410; Stephen Hawking: *Breve História do Tempo — Do Big Bang aos Buracos Negros*, Lisboa, Gradiva, 1988, 117-228; Heinz R. Pagels: *Os Sonhos da Razão*, Lisboa, Gradiva, 1990, 191-225; John D. Barrow, Frank J. Tipler: *The Anthropic Cosmological Principle*, Oxford, Oxford University Press, 1988; John D. Barrow: *Teorias de Tudo — A procura de uma explicação para o universo*, Lisboa, Editorial Presença, 1996; Nikos Prantzos: *Our Cosmic Future: Humanity's Fate in the Universe*, Cambridge, Cambridge University Press, 2000; James N. Gardner: *Biocosm: The New Scientific Theory of Evolution: Intelligent Life Is the Architect of the Universe*, Inner Ocean Publishing Inc., Makawao, Maui (Hawaii), 2003; [John D. Barrow](#) (edit.), [Paul C. W. Davies](#) (edit.), [Jr, Charles L. Harper](#): *Science and Ultimate Reality: Quantum Theory, Cosmology, and Complexity*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004; sobre os «buracos negros», considerar o interessante estudo subscrito por Thaisa Storchi Bergmann, Fausto Kuhn Berenguer Barbosa e Rodrigo Nemmen da Silva

apud <http://www.if.ufrgs.br/~thaisa/bn/index.htm#indice>, bem como os artigos e estudos localizáveis nas seguintes e-fontes, entre outras:

<http://www.observatorio.ufmq.br/pas19.htm>

http://observatoriophoenix.astrodatabase.net/e_teorias/24_E15.htm

<http://www.terravista.pt/meco/1351/Bnegros.html>,

<http://www.spaceref.com/tools/imagecathp.html?cid=1>

[50] Cf. Hans Küng: *¿ Existe Dios?*, Madrid, Editorial Trotta, 2005, 17-19.

[51] Cf. Edgar Morin: *O Problema Epistemológico da Complexidade*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1983, 29.

[52] Cf. Octavio Paz: *Libertad Bajo Palabra — Obra Poética (1935-1957)*, Madrid, Fondo de Cultura Económica, Sucursal para España, 1990, 94.

[53] Considere-se, a propósito, a seguinte ironia de José Saramago (*Memorial...*, cit., 238) no quadro da tradicional visão antropomórfica de Deus, dialogicamente partilhada, entre outros, pelos «rústicos e analfabetos» Manuel Milho e Baltazar Sete-Sóis: « *Deus não tem a mão esquerda porque é à sua direita que senta os seus eleitos, e uma vez que os condenados vão para o inferno, à esquerda de Deus não vem a ficar ninguém, ora, se não fica lá ninguém, para que quererá Deus a mão esquerda, se a mão esquerda não serve, quer dizer que não existe, a minha não serve porque não existe, é só a diferença, Talvez à esquerda de Deus esteja outro deus, talvez Deus esteja sentado à direita doutro deus, talvez Deus seja só um eleito doutro deus, talvez sejamos todos deuses sentados ...* ». Sobre as figurações “másculas” ou outras de “Deus”, ver a clarificadora reflexão de Hans Küng, *op. cit.*, 728-765, especialmente o excurso em torno da questão « ¿Un Dios varón?» (págs. 733-735), em que conclui: « *Dios no es varón y no debe ser contemplado a través de la falsilla de lo masculino y paterno, como tantas veces ha hecho una teología excesivamente masculina. En él se ha de reconocer también la dimensión femenino-materna* ».

[54] José Saramago, citado por Juan Arias in «O Amor Impossível» (*El País*, 9 de Outubro de 1998), apud <http://www.instituto-camoes.pt/revista/impespanha.htm>; cf. também Juan José Tamayo-Acosta: *op. cit.*, 211.

[55] Cf. Vergílio Ferreira: *Pensar*, Lisboa, Bertrand Editora, 1992, 215.

[56] Cf. Adolphe Gesché: *Dios para pensar*, II, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1997, 11.

[57] Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo...*, cit., 550.

[58] *Idem, ibidem*, 549.

[59] Cf. A. Castanheira Neves: *O Direito hoje e com Que Sentido? — O problema actual da autonomia do direito*, Lisboa, Edições Piaget, 2002, 70-73.

[60] Cf. Ulrich Beck: *La sociedad del riesgo — Hacia una nueva modernidad*, Barcelona – Buenos Aires – México, Paidós, 1998.

[61] José Saramago: *Ensaio sobre a Lucidez*, cit., 79.

[62] É complexo e, por isso mesmo, difícil de equacionar o problema da multiculturalidade. Afigura-se-me, todavia, residir nas soluções a ir sendo construídas numa lógica de “mestiçagem” integradora e inclusora, mas não “assimilacionista” e/ou homegeneizante, a melhor e mais humana via de coexistência entre “maiorias” e “minorias”, entre “colonizantes” e “colonizados” e “ex-colonizadores” e “ex-colonizados”... Na verdade, como reconhece o renomado politólogo e académico Bhiku Parekh (in *Repensando el multiculturalismo*, Madrid, Ediciones Istmo, 2005, 502): « *Las sociedades multiculturales plantean problemas que no tienen parangón en la historia. Deben encontrar la forma adecuada de reconciliar las legítimas demandas de unidad y diversidad y lograr la unidad política sin llegar a la uniformidad cultural. Deben ser inclusivistas sin ser asimilacionistas, cultivar entre sus ciudadanos un sentimiento comun de pertenencia, respetando a la vez sus legítimas diferencias culturales y cuidar de las identidades culturales plurales sin debilitar la identidad compartida y preciosa de la ciudadanía. Esto es una tarea política formidable y, hasta ahora, ninguna sociedad multicultural ha sido capaz de llevarla a buen término* ».

[63] Cf. Mikhail Bakhtin *et alii*: *The Dialogic Imagination: Four Essays*, Austin, University of Texas Press, 1983; Tzvetan Todorov: *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique*, Paris, Seuil, 1981; Katerina Clark e Michael Holquist: *Bakhtin*, São Paulo, Perspectiva, 1998; Julia Kristeva: *Polylogue*, Paris, Éditions du Seuil, 1977.

[64] Cf. John Brockman: *The Third Culture — Beyond the Scientific Revolution*, London, Simon & Schuster, 1995, cap. 19: «Murray Gell-Mann “Plectics”» (*complexity is the next big problem*, pelo que se torna urgente e inevitável *the study of simplicity, complexity of various kinds, and complex adaptive systems, with some consideration of complex nonadaptive systems as well*); Murray Gell-Mann: *The Quark and the Jaguar: Adventures in the Simple and the Complex*, New York, Freeman, 1994 (versão portuguesa: *O Quark e o Jaguar*, Lisboa, Gradiva, 1997).

[65] Cf. Michel Serres: *Le Tiers-Instruit*, Paris, François Bourin, 1991 (*O Terceiro Instruído*, Lisboa, Edições Piaget, 1996); Jacques Delors (coord.): *Educação: um tesouro a descobrir — relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (UNESCO), Porto, Edições ASA, 1996.

[66] A sugestão decorre, naturalmente, de Michel Serres: *Atlas*, Lisboa, Edições Piaget, 1997, 11-20 ss.

[67] Cf. Michel Serres: *Diálogo sobre a Ciência, a Cultura e o Tempo*, Lisboa, Edições Piaget, 1996, 135, 144, 150-155, 160, 162, 231-232.

[68] Método, consubstanciado num “protocolo” processual e procedimental que não dispensa a observação e a analítica sistemáticas nem a experimentação, a problematização e a testagem contrastiva e refutativa, probatória e validadora...

[69] Cf. Edgar Morin: *O Desafio do Século XXI — Religar os Conhecimentos*, Lisboa, Edições Piaget, 2001.

[70] Cf. Xavier Zubiri: *Sobre el Hombre*, Madrid, Alianza Editorial, 1998, 238: Os valores «son videntes porque son modulación de una inteligencia sentiente, porque la inteligencia está internamente inscrita en la estructura del sentir, y el sentir es un sentir intelectual». Este entendimento filosófico-antropológico de Zubiri é partilhado, no essencial, por António Damásio nas suas consabidas “teses” de matriz neurobiológica acerca da consciência, do sentimento e da emoção (cf. António Damásio: *Ao Encontro de Espinosa — As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*, Lisboa, Publicações Europa-América, 2003, 192: «Os seres humanos não só *demonstram* compaixão pelo sofrimento de um outro ser, coisa que variadas espécies não humanas podem também demonstrar, como *sabem que sentem* essa compaixão».

[71] Cf. Ulrich Beck: *op. cit.*; o estudo de Naomar de Almeida-Filho: «Anotações sobre o conceito epidemiológico de risco» e a bibliografia aí citada,

in http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/risc_epid.html; José Ricardo de Carvalho Mesquita Ayres: *Sobre o risco: Para Compreender a Epidemiologia*, São Paulo, Hucitec, 1997; Maurice Tubiana, Constantin Vrousos, Catherine Carde, Jean-Pierre Pagès (eds.): *Risque et Société*, Paris, Éditions NucléoN, 1999; Henri Atlan: *La fin du tout génétique? Nouveaux paradigmes en biologie*, Paris, INRA Éditions, 1999; *La science est-elle inhumaine? Essai sur la libre nécessité*, Paris, Bayard, 2002.

[72] Cf. Michel Serres: *O Terceiro Instruído*, Lisboa, Edições Piaget, 1996, 119-120.

[73] Fernando Pessoa (Álvaro de Campos): *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, 587: « *O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo. / O que há é pouca gente para dar por isso* ».

[74] Nesse novo modo de perspectivar a práxis jurídica «... há que ser consciente de que no fundo de tudo se impõe uma capital opção antropológico-cultural de que dependerá o sentido do direito e *inclusive* a sua própria subsistência autenticamente como direito. Com efeito, o homem dos nossos dias terá de perguntar-se que sentido se propõe conferir à sua prática e, através desse sentido, que compreensão assimilará de si próprio na sua existência histórico-comunitária. Uma prática referida a uma validade, seja porventura problemática mas não prescindindo nunca de interrogar por ela, a implicar um fundamento axiologicamente crítico e o homem transcendendo-se assim a um sentido materialmente vinculante em que assuma o projecto responsabilizante da sua própria humanidade...», uma vez que «... no vértice da actual compreensão autêntica da existência humana deparamos com a *pessoa* », daí decorrendo «a compreensão e a assunção de nós próprios como pessoas»; na verdade, «o homem-pessoa e a sua dignidade» constituem «o pressuposto decisivo, o valor fundamental e o fim último que preenche a inteligibilidade do mundo humano do nosso tempo (...). A condição existencialmente cultural — e a condição decisiva — refere uma exigência de virtude. Que o homem não se compreenda apenas como destinatário do direito e titular de direitos, mas autenticamente como o sujeito do próprio direito e assim não apenas beneficiário dele mas comprometido com ele — o direito não reivindicado no cálculo e sim assumido na existência, e então não como uma externalidade apenas referida pelos seus efeitos, sancionatórios ou outros, mas como uma responsabilidade vivida no seu sentido. O direito só concorrerá para a epifania da pessoa se o homem lograr culturalmente a virtude desse compromisso». A. Castanheira Neves: *O Direito hoje e com Que Sentido*, cit., 49-50, 68-69, 75.

[75] Porque, «se formos à raiz das coisas como que passando do exterior ao interior ou do contexto que ajuíza e exige ao fundamento que constitui e justifica», poderemos dizer com R. Marcic que « *quem quer o homem tem de querer o direito* » (sublinhei). Cf. Castanheira Neves: *ibidem*, 13-14.

[76] José Saramago: *A Jangada de Pedra*, cit., 281.

[77] Reescrita, em paráfrase a Michel Serres: *O Contrato Natural*, cit., 146-147.

[78] O termo (e conceito de) «hominescência» foi cunhado por Michel Serres, a partir de certas analogias morfo-lexicogénicas (por ex: com *adolescência*, *luminescência*, *incandescência*, etc.), para traduzir, no quadro dum jogo que se desdobra por três campos de nucleares relações, uma constante dialéctica de afirmação e de negação, de vida e de morte: considere-se, a título de exemplo, o fenómeno da “apoptose” que se traduz na morte ou destruição programada e “suicida” das células, implicando investimento de energia proteica, numa estreita relação homeostática com a regulação da fisiologia dos tecidos e numa função diferente da do processo de cariocinese... A «hominescência» constitui uma *poiética* e uma dinâmica de antropomorfose (superadora dum evolucionismo imanentista e de uma concepção “utensilar e protética” da técnica e da tecnologia...) e configura a irrupção ou emergência de um processo neo-humanizador da sociedade, potenciado pela crescente libertação criativa do corpo humano dos ancestrais constrangimentos e dependências que o afectavam e limitavam. Essa libertação assenta num imparável e integrador processo de antro-po-tecnicização e bioculturação, com o objectivo de se estabelecer uma nova teia de relações connosco próprios, com o mundo e com os outros. Nesse contexto e tendo em conta o facto de vivermos na sociedade da comunicação, da informação e do conhecimento, marcada por uma malha de relações cada vez mais intensas e interdependentes, corre-se o risco do advento de uma espécie de avalanche informativa, estranguladora das possibilidades de elaboração crítica do saber e, conseqüentemente, da construção autónoma e reflexiva da própria sabedoria, pelo que não deixa de ser emblemática e carregada de alegorismo a afirmação de Michel Serres, segundo a qual, «l'avenir appartient aux ordres contemplatifs» (cf. Michel Serres: *Hominescence*, Paris, Le Pommier, 2001, 1-95 e *passim* [agora também nas Edições Piaget]).

[79] Michel Serres: *L'Incandescent*, Paris, Éditions Le Pommier, Paris, 2001 (agora também nas Edições Piaget).

[80] José Saramago: *A Caverna*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, 170-171.

[81] Gabriel Marcel: *Homo Viator*, Paris, Aubier, 1945: homem peregrinante e reflexivo (dir-se-ia “socrático”), em busca de respostas para as questões que lhe vão surgindo ao longo da caminhada: o outro, a família, a imortalidade, o mistério, os valores, a salvação... Experiência vivida na intimidade funda de si próprio e no contexto da ocupação nazi, sempre na perspectiva optimista do valor sagrado da vida, pelo qual vale a pena sofrer e lutar e semear sonhos de esperança...

[82] José Saramago: *A Jangada de Pedra*, cit., 271.

[83] Cf. George Steiner: *La idea de Europa*, Madrid, Ediciones Siruela, 2005, 53.

[84] Com suas rezas e esconjuros, feitiços e maldições, chamamentos e respostas, gestos, súplicas e silêncios, evocações e celebrações...

[85] Octavio Paz: *El arco y la lira*, cit., 59.

[86] Cf. *supra*, nota 34.

[87] Cf. George Steiner: *No Castelo do Barba Azul. Algumas Notas para a Redefinição da Cultura*: Lisboa, Relógio d'Água, 1992, 14-17, 112-130, 128-141; *Presenças Reais*, Lisboa, Editorial Presença, 1993, 84 ss; *La barbarie de la ignorancia*, Madrid, Taller de Mario Muchnik, 2000, 65-66; *Pasión Intacta*, Madrid, Ediciones Siruela, 1997; *Gramáticas da Criação*, Lisboa Relógio d'Água Editores, 2002, 11-62 e *passim*; *Lenguaje Y Silêncio* [muito especialmente o substancioso ensaio: «El silencio y el poeta»], Barcelona, Editorial Gedisa, 2003, 53-72; *Extraterritorial* [muito especialmente o importante estudo: «En una poscultura»], Madrid, Ediciones Siruela, 2002, 163-178; *After Babel. Aspects of Language and Translation*, Oxford, Oxford University Press, 2 1992. Ver também Ernesto Sabato: *Resistir*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2005, 37-59; Thomas De Koninck: *A nova ignorância e o problema da cultura*, Lisboa, Edições 70, 2003, especialmente: 17-35, 69-133.

[88] Não a ciência instrumentificante do que há de “humano” no homem, mas a ciência “poiética” da espantada e entusiástica tentativa de descrever e explicar o real e o mundo e, assim, contribuir para a esclarecida, melhorativa e axiológica transformação naturante e humanizadora do homem e do planeta...

[89] Cf. Octavio Paz: *El arco y la lira*, cit., 49-67, no ensaio intitulado «el ritmo». De facto, o poeta não é apenas *metropoios* (criador de métricas) e *mythopoios* (criador de mitos): é também *eidopoios* e *noematopoios*, isto é, criador de formas, ideias e saberes; mais ainda: é *eikonopoios* e *melopoios* (criador imagens e de música); cf. Cornelius Castoriadis: *Figuras do Pensável*, Lisboa, Edições Piaget, 2000, 53.

[90] Como não deixa de ressaltar do seguinte quadro fenomenológico: crescente marginalização dos grandes paradigmas e das grandes referências culturais, éticas e políticas, com o consequente nivelamento rasteiro do trabalho, do valor e do mérito, o generalizado aviltamento do sistema axiológico e a sistemática e inflacionária “vulgarização” da sua categoria valorativa e referencial maior: a “excelência”; mediocratização da vida pública pela promoção dos dirigentes populistas e oportunistas e dos mitos e ídolos de pés de barro de todas as espécies: desde as milionárias “estrelas” da *pop music* e dos *media* televisivos aos “astros” do futebol e da “fórmula um”, às “vedetas” da pornografia e aos protagonistas do enriquecimento fácil, nebuloso (“branqueado”) e sem escrúpulos; banalização de realidades tão sérias e tão trágicas como as da doença, do sofrimento, da guerra e da morte; perversão *contra naturam* da sexualidade e da intimidade; desproporcionada promoção de deprimentes e estupidificantes espectáculos televisivos como os dos *reality shows* (e certos *talk shows* marcados pelo cinismo e pela futilidade ..) ou dos números de humor imbecilizante e rasca; narcotráfego, produção, comércio e candonga de armas; pobreza, marginalização, exploração, exclusão e discriminação social; criminalidade animalesca e brutal, abuso e violação de crianças e de menores, violência e terrorismo; irreverência desrespeitosa e ofensiva do sagrado e da autoridade (sobrepota àquela saudável irreverência *prometeica* e afirmativa, própria das gerações mais jovens...); contestação sem critério e sem regras decorrente do diagnosticado “crepúsculo do dever” (Lipovestky, ver *supra*, nota 37), com a irresponsável e generalizada tendência para apenas se reclamarem “direitos” como se já não houvesse “deveres” ou “obrigações”; predomínio do egoísmo hedonista e materialista e do consumismo acrítico e desregrado; alastramento de toda a espécie de poluição e agressão moral e ecológica e da fruição sem ética, sem estética, sem autodomínio e sem bússola; em suma: desfiguração da alma e do rosto do homem pelo esvaziamento da sua própria dignidade e humanidade... Tudo numa lógica de “lotaria mortal” (subjacente e inerente aos riscos de toda a ordem, com especial destaque para os da incontrolada contaminação das águas, dos ares e dos mares e da desnaturada e gananciosa composição bioquímica dos alimentos...), a desaguar numa sempre latente e insuperada conflitualidade e numa terrífica e generalizada violência imparavelmente “vagabunda” e sem fronteiras (ou não estivéssemos a viver na globalizada «sociedade do risco», analisada e descrita por Ulrich Beck [in *La sociedad del riesgo...*, já citada], com rara agudeza e clarividência): lógica que a retórica inerte do “discurso político” dominante (quase sempre “correcto” ou mascaradamente distorcido e, por isso mesmo, hipocritamente fingido e só muito raramente transparente, frontal e indignado e verticalmente saudável e digno...) não consegue fazer reverter, dado o geral descrédito das classes dirigentes e da chamada “classe política”...

[91] Herberto Helder: *Photomaton & Vox*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995, 57.

[92] Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo ...*, cit., 507-508.

[93] Octavio Paz: *El arco y la lira*, Madrid, Fondo de Cultura Económica – España, 2004, 22.

[94] Idem: *Pasión Crítica*, Barcelona, Seix Barral, 2 1990, 184-185; para Octavio, «un texto es un tejido no solo de palabras sino de experiencias y de visiones» (pág. 85) e «poesía y pensamiento no viven en casas separadas» (pág. 84).

[95] Idem: *El arco y la lira*, cit., 26.

[96] Importa sublinhar, a propósito, que o ser humano «is not primarily one who *knows*, but one who *creates* (...), que ele «is essentially creative» (cf. Nancy Mardas, no seu bem fundamentado estudo intitulado «Creative Imagination – The Primogenital Force of Human Life»,

apud : http://www.phenomenology.org/mardas04.htm#_edn3); cf. as importantes obras dirigidas pela filósofa polaca Anna-Teresa Tymieniecka (ed.): *Imaginatio Creatrix: The Pivotal Force Of The Genesis/ontopoiesis Of Human Life And Reality* (Analecta Husserliana), Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, 2004; [Metamorphosis: Creative Imagination in Fine Arts Between Life-Projects and Human Aesthetic Aspirations](#), Dordrecht, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 2004.

[97] José Saramago: *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Lisboa, Editorial Caminho, 1984, 279.

[98] Giovanni Pico della Mirandola: *Oratio De Hominis Dignitate*, Paris, Éditions de L'Éclat, 3 2002, §1 (edição bilingue [latim > francês] de Yves Hersant).

[99] *Idem*, *ibidem*.

[100] José Saramago: *ibidem*, 281.

[101] Cf. Martin Heidegger: *Sein und Zeit*, Tübingen, Max Niemeyer, 1993, § 26, 118: «Die Welt des Daseins ist Mitwelt. Das In-Sein ist Mitsein mit Anderen. Das innerweltliche Ansichsein dieser ist Mitdasein»; cf. também o seguinte passo da tradução francesa de *Sein und Zeit*, da autoria de Rudolf Boehms et Alphonse de Waelhens: *L'être et le temps*, Paris, Éditions Gallimard, 1969, 150: «Le monde auquel je suis est toujours un monde que je partage avec d'autres, parce que l'être-au-monde est un l'être-au-monde-avec... Le monde de l'être-là est un *monde commun*. L'être-à... est un *être-avec* -autrui. L'être-en-soi intramondain d'autrui est *coexistence* .»; cf., ainda, Michaela Ott, no seu substancioso estudo: «Ethik und Ästhetik in der Philosophie der Phänomenologie und des Poststrukturalismus», *apud* http://www.momo-berlin.de/Ott_Ethik_Aesthetik.html.

[102] António Oliveira Cruz: *Synthesis*, Lisboa, 1988, 40.

[103] Cf. Octavio Paz: *La búsqueda del comienzo. Escritos sobre el surrealismo*, Madrid, Fundamentos, 1983, 74-75; *Las peras del olmo*, Barcelona, Seix Barral, 1986, 171; *Puertas al campo*, Barcelona, Seix Barral, 1989, 64.

[104] António Oliveira Cruz: *ibidem*, 61.

[105] *Idem*, *ibidem*, 60.

[106] Octavio Paz: *Lo mejor...*, cit., 96.

[107] Octavio Paz: *Lo mejor...*, cit., 231, 232.

[108] Martin Heidegger: *Ensaio e Conferências*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, 165-181.

[109] José Saramago: *A Jangada de Pedra*, Lisboa, Editorial Caminho, 1986, 318.

[110] Octavio Paz: *Pasión Crítica*, Barcelona, Seix Barral, 2 1985.

[111] Octavio Paz: *Los signos en rotación y otros ensayos*, Madrid, Alianza, 1971.

[112] Cf. Octavio Paz: *El arco y la lira*, México, Fondo de Cultura Económica, 1995: ensaio intitulado «el ritmo», 73-88, já citado.

[113] Octavio Paz: *Lo mejor ...*, cit., 277.

- [114] Octavio Paz: *Corriente alterna* , México, Siglo XXI, 17 1988; *El arco y la lira* , México, Fondo de Cultura Económica, 6 1986.
- [115] A metáfora provém de um famoso título de Anthony Giddens: *Runaway World: How Globalisation is Reshaping Our Lives* , London , Profile Books, 2000 (e também: New York , Routledge, 2003).
- [116] Octavio Paz: *Lo mejor ...* , cit., 319, 329.
- [117] António Oliveira Cruz: *Synthesis II* , Lisboa, 1988, 57; *Synthesis I* , Lisboa, 1988, 58.
- [118] José Saramago: *História do Cerco de Lisboa* , Lisboa, Editorial Caminho, 1989, 50.
- [119] José Saramago: *A Jangada de Pedra* , cit., 79.
- [120] José Saramago: *Ensaio sobre a Lucidez* , cit., 50.
- [121] Octavio Paz: *Lo mejor...* , cit., 300.
- [122] José Saramago: *Ensaio sobre a Lucidez* , cit., 55.
- [123] José Saramago: *História do Cerco de Lisboa* , cit., 26-27.
- [124] Cf. Pierre Bourdieu: *El oficio de científico – ciencia de la ciencia y reflexividad* , Barcelona, Anagrama, 2003, 198.
- [125] *Idem* , *ibidem* , 26.
- [126] José Saramago: *Memorial do Convento* , Lisboa, Editorial Caminho, 1982, 124.
- [127] José Saramago: *A Caverna* , cit., 45.
- [128] José Saramago: *História do Cerco de Lisboa* , cit., 26.
- [129] José Saramago: *A Caverna* , cit., 26.
- [130] Cf. Martin Heidegger: *Hinos de Hölderlin* , Lisboa, Edições Piaget, 2004, 70-78.
- [131] José Saramago: *Os Poemas Possíveis* , Lisboa, Editorial Caminho, 4 1998, 55.
- [132] *Idem* , *ibidem* , 19.
- [133] José Saramago: *A Caverna* , cit., 227.
- [134] José Saramago: *Ensaio sobre a Lucidez* , cit., 145.
- [135] Octavio Paz: *Lo mejor...* , cit., 263.
- [136] José Saramago: *Ensaio sobre a Cegueira* , Lisboa, Editorial Caminho, 1995, 303.
- [137] José Saramago: *Ensaio sobre a Lucidez* , cit., 58.
- [138] Camões: *Lusíadas* , I, 5-6.
- [139] José Saramago: *ibidem* , 139.

[140] Vergílio: *Eneida*, l. 462: « *Sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt* ».

[141] José Saramago: *A Caverna*, cit., 337.

[142] *Idem, ibidem*, 334.

[143] José Saramago: *Todos os Nomes*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997, 63.

[144] *Idem, ibidem*, 209.

[145] Nesta sua breve “evocação”, foi tida em conta a seguinte bibliografia de referência: Maurice Croiset: *Platon — Oeuvres Completes*, tome I, Paris, Société D'Édition «Les Belles Lettres», 1959, designadamente o texto grego aí estabelecido quer para a *Apologia de Sócrates* quer para o *Críton*, 140-173 e 216-233; Werner Jaeger: *Paideia: los ideales de la cultura griega*, México – Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2 1962, 389-457; Nicola Abbagnano: *História da Filosofia*, vol. I, Lisboa, Editorial Presença, 1969, 115-132; Platão: *Apologia de Sócrates, Êutifron, Críton* (prefácio, tradução e notas de Manuel Oliveira Pulquério): Lisboa, Editorial Verbo, 1972; Giovanni Reale – Dario Antiseri: *Storia della Filosofia* (vol. 1: Dall'Antichità al Medioevo), Brescia, Editrice La Scuola, 5 2000, 71-120; Maria Helena da Rocha Pereira: *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I, *Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 8 1998, 456-466; Maria Helena da Rocha Pereira: artigo «Sócrates» in *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Edição Século XXI, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 2003, vol. 27, 308-309; P. A. T. Silva Pereira: artigo «Sócrates» in *Logos – Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa / São Paulo, Editorial Verbo, 1992, vol. 4, 1216-1221; Roger Texier: *Socrate Enseignant — De Platon à nous*, Paris, Éditions L'Harmattan, 1992; Gregório Luri Medrano: *El Proceso de Sócrates*, Madrid, Editorial Trotta, 1998; Gregório Luri Medrano: *Guia para no entender a Sócrates (Reconstrucción de la atopía socrática)*, Madrid, Editorial Trotta, 2004; Jean-Pierre Vernant y otros: *El Hombre Griego*, Madrid, Alianza Editorial, 2 2000; Jacques Brunschwig e Geoffrey Lloyd: *El Saber Griego — Diccionario Crítico*, Madrid, Ediciones Akal, 2000, artigos «Sócrates» (págs. 581-592), «Sofística» (págs. 744-757); Fernando Cabral Pinto: *Sócrates um filósofo bastardo*, Lisboa, Edições Piaget, 2002; Bruno Giuliani: *O Amor da Sabedoria*, Lisboa, Edições Piaget, 2002; Catherine Vallée: *Hannah Arendt, Sócrates e a Questão do Totalitarismo*, Lisboa, Edições Piaget, 2003; Mark Forstater: *Os ensinamentos espirituais de Sócrates*, Lisboa – Cruz Quebrada, Estrela Polar, 2005; artigos sobre Sócrates nas seguintes *e-fontes*, entre outras:

<http://encyclopedia.thefreedictionary.com/>

<http://en.wikipedia.org/wiki/Socrates>

<http://www.bartleby.com/65/so/Socrates.html>

<http://plato.stanford.edu/>

<http://www.san.beck.org/C%26S-Contents.html>

<http://www.forma-mentis.net/Filosofia/Socrate.html>

www.forma-mentis.net ...

[146] Com uma incomparável galeria (cronológica e implicativamente aqui mais alargada, relativamente às fronteiras temporais da governação de Péricles...) de figuras pertencentes aos campos do pensamento, da política, da ciência, da literatura e demais belas artes (escultura, pintura, arquitectura, música...), que constituem a «alma» que verdadeiramente funda e modela a cidade: *Anaxágoras, Antífonte, Aristófanes, Aristóteles, Aristoxeno, Arquitas, Calícrates, CríCIAS, Demócrito, Empédocles*,

Epicteto, Ésquilo, Eudócio, Eurípides, Fídias, Filolau, Górgias, Heraclito, Heródoto, Hípias, Hipócrates, Ictino, Isócrates, Leucipo, Lísias, Lisipo, Míron, Parménides, Péricles, Píndaro, Pitágoras, Platão, Policleto, Polignoto, Praxíteles, Pródico, Protágoras, Sólon, Sócrates, Sófocles, Temístocles, Trasímaco, Tucídides, Xenofonte ...

[147] Cf. Werner Jaeger: *Paideia*, cit., 403-404. Para uma contextualização histórico-cultural global, ver: Albin Lesky: *Historia de la Literatura Griega*, Madrid, Gredos, 1968, cap. V, 269-671; H. D. F. Kitto: *Os Gregos*, Coimbra, Arménio Amado, Editor, Sucessor, 1960, caps. V, VI, VII, VIII e IX, 103-317.

[148] Cf. Diogene Laerzio: *Vite di filosofi* (trad. di Marcello Gigante), Bari – Milano, Laterza – TEA, 1998, vol. 2, 19.

[149] A inspirar o projecto (re)formador e humanista dos sofistas, a nortear o seu programa de educação para a cidadania, estava o conceito de ἦρετ\omicron , re-investido da centralidade dos mais altos valores espirituais e traduzido na propositura de um novo “paradigma educacional” para a velha Atenas, de que ressaltam, entre outros, os seguintes traços nucleares:

- centralidade do homem no processo educativo (paideía);
- transferência das preocupações cosmológicas para um decidido e assumido envolvimento nas problemáticas antropológicas;
- consagração do fundamento antrópico e subjectal do conhecimento e do relativismo dos princípios ético-filosóficos;
- itinerância pedagógica como modo de levar a educação e o saber aos cidadãos que viessem a integrar a classe dirigente;
- contraposição da aristocracia do espírito à tradicional aristocracia do sangue;
- promoção do desenvolvimento das capacidades basilares dos futuros homens de estado (o tacto, a presença de espírito e a previsão, de par com uma aptidão intelectual de cunho enciclopédico e multi-sapiencial [dianoética polimatética], argumentativo e discursivo [oratória e eloquência]);
- crença na plasticidade e educabilidade da alma juvenil e no poder modelador e reconstrutor da arte sobre a natureza
- similitude da “cultura animi” (bom educando, bom educador, boa mensagem educativa) com a “cultura agri” (bom terreno, bom lavrador, boa semente);
- radicação do processo educativo na natureza e seu desenvolvimento dialéctico, através do ensino ,da aprendizagem e da exercitação, treino ou prática— configurando a conhecida “tríade pedagógica” dos sofistas;
- propositura de um novo “plano curricular” de inspiração pitagórica, que contempla, simultaneamente com a gramática, a retórica e a dialéctica, a aritmética, a geometria, a astronomia e a música, preludiando, assim, os canónicos trivium e quadrivium da Escolástica Medieval;
- forte vinculação à tradição formadora da poesia e dos poetas, no sentido do culto da ἦρετ\omicron ética, política, sapiencial e artística, através da retoma do exemplo matricial de Homero («o Educador da Grécia»), no pressuposto de que a poesia, tal como a música, sua irmã gémea, pelo incisivo influxo do ritmo e da harmonia, exerce na alma afeiçoável do educando uma insuperável acção modelante... Cf. Fernando Paulo Baptista: *Tributo*, cit., 545-548.

[150] Que não devem ser confundidos com os *pseudo-sofistas* que, com distintiva intencionalidade, venho denominando de “sofísticos” e que, hoje como então, por toda a parte proliferam com a mesma descarada ousadia que emerge do seu «analfabetismo cultural» ainda que diplomado...

[151] Cf. Platão: *Apologia* ... 21b

[152] Também expresso por outros lexemas nominais ou verbais pertencentes ao mesmo universo semântico.

[153] Cf. Platão: *Apologia*... 37e-38: «Se disser que isso [*i.e.* : retirar-me da cidade e reduzir-me ao silêncio] seria desobedecer à divindade e que, portanto, seria impossível manter-me inactivo, não me tomareis a sério e pensareis que estou a ironizar... Se, por outro lado, disser que o maior bem que pode caber em sorte a um homem consiste em discorrer [produzir discursos] todos os dias sobre a virtude e outros temas acerca dos quais me tendes ouvido falar, examinando-me a mim próprio e aos outros, e que uma vida sem exame não é digna de ser vivida...»].

[154] A técnica argumentativa, refutatória e probatória do *lego*, usada por Sócrates nos seus exames (*uxûtazi*), consistia em indagar, com obstinação e rigor, os fundamentos e a natureza definitiva dos conceitos e das categorias gnosiológicas e axiológicas (*e.g.* : os conceitos de *sabedoria*, *virtude*, *justiça*, *verdade*, *coragem* ...), tendo em vista, em sua vertente “construtiva”, a elaboração e a organização consistente e coerente do saber e, em sua vertente “destrutiva”, a refutação e rejeição da pseudo-sabedoria alardeada pelos sofistas *sofísticos* , chegando, em última instância, a desencadear um novo e ainda mais rigoroso exame que podia conduzir mesmo a uma situação aporética insolúvel...

[155] Cf. Albin Lesky: *Historia de la Literatura Griega* , cit., 529; sobre o *daîmon* socrático, ver, entre outros, os seguintes estudos: Roger Texier: *Socrate Enseignant — De Platon à nous* , cit., 277-284; Valcicléia Pereira da Costa: «O “*daimon*” de Sócrates: conselho divino ou reflexão?», in *Cadernos de Actas da ANPOF*, n.º 1, Universidade Estadual de Campinas □ , Campinas, São Paulo, Brasil, 2001; «*El Daimon Socrático*»,

in <http://clientes.vianetworks.es/empresas/lu911/html/daimon.html> .

[156] A título exemplificativo, considere-se o seguinte “auto-testemunho” registado por Platão: *Fédon* , 96 b) (introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Coimbra, INIC, 1983, 99-100): «... *Na minha juventude (...), senti-me extraordinariamente atraído para esse ramo do saber que dá pelo nome de «Ciência da Natureza». Que interessante não será (pensava eu) conhecer as causas de cada coisa, a razão por que cada uma surge, por que cada uma desaparece ou existe! (...) E muitas vezes dava comigo às voltas a examinar, antes de mais, questões deste teor: será realmente, como alguns dizem, a partir de um estado de putrefacção, em que entram o quente e o frio, que os seres vivos se constituem? É graças ao sangue que pensamos, ou ao ar ou ao fogo? Ou nada disto conta, e é sim o cérebro que nos permite as sensações do ouvido, da vista e do olfacto, sensações estas que estarão na base da memória e da opinião, dando origem, uma vez consolidadas, a conhecimentos correspondentes?».*

[157] Cf. Roger Texier: *Socrate Enseignant — De Platon à nous* , Paris, Éditions L'Harmattan, 1998, 201-249.

[158] Cf. Platão: *Críton* (tradução de Manuel Oliveira Pulquério, já cit.), 134: « *A virtude e a justiça são o que há de mais precioso para o homem* »; *Apologia*... (trad. já citada), 89: « *não sou homem para ceder a ninguém contra a justiça por medo da morte* ».

[159] Cf. Platão: *Apologia*... (trad. já citada), 96: «... *é mais importante cada um cuidar de si próprio do que daquilo que lhe pertence, de forma a tornar-se o melhor e mais sábio possível, não se preocupando tanto com as coisas da cidade como com a própria cidade ...*»; *idem* : *Críton* , 123-124: « *O que verdadeiramente importa não é viver, mas viver em conformidade com o bem* » (*Críton* , 48b), porque « *o bem, o belo e o justo são uma e a mesma coisa* » (*Críton* , 48b).

[160] O lexema grego εἰρωνεία (em latim: *ironia*) tem como constituinte nuclear da sua estrutura léxico-morfológica a raiz indo-europeia * *wer-* / *wor-* > *wur-* / *wr* [> *wre-* / > *re-*], susceptível de ampliamentos derivativos do tipo *wer-dh* - / *wr-dh* - / *wre-mn* e com a ideia de “falar” como seu “adn semântico”. Esta raiz, com ligeiras variantes formais de natureza fonético-evolutiva, está igualmente presente, entre outros, nos lexemas gregos *ρήμα*, *ρητορεία*, *ρητορεύω*, nos latinos *uerbum*, *uerbalis*, *aduerbium*, *prouerbiuum*, no gótico *waurd*, no proto-germânico * *wurdan*, no alemão *Wort*, no norueguês e no sueco *ord*, nos ingleses *word*, *wording*, *wordy*, nos portugueses *verbo*, *verbal*, *advérbi o*, *provérbio*, *rema*, *remático*, *retórica*, etc... Na sua acepção mais corrente (e em consonância com o uso que lhe deu nomeadamente Sócrates), tinha o significado de «fala proferida com uma intencionalidade interpelante, questionante e indagativa, embora fingindo ignorância», significado este que subjaz, no fundamental, à assim denominada “ironia socrática”.

[161] Cf. Roger Texier: *ibidem*, 269.

[162] A seguir ao “século de ouro” — o século V a. C. — em que se inscreve a acção governativa de Péricles...

[163] A “retórica sofística” corrente e dominante no tempo de Sócrates não se confunde, necessariamente, nem com a *paideia* nem com a *retórica* protagonizadas pelos grandes mestres da Sofística (Protágoras, Górgias...), muito embora se afigure pertinente e fundamentada a contraposição entre “paideia socrática” e “paideia sofística”, atentos os respectivos pressupostos, métodos e finalidades (cf. Werner Jaeger: *Paideia* ..., cit., 263-302, 389-457, 489-548).

[164] Esta situação, salvaguardadas as naturais diferenças de contexto histórico-epocal, não deixa de continuar a marcar profundamente a lógica concepcional, a organização e o funcionamento do nosso sistema educativo, desde a base até ao topo. De facto, em vez de se promover, de modo responsável e responsabilizante, o livre desenvolvimento da *autonomia poiética* de cada *sujeito* na construção da *identidade pessoal e comunitária*, do *mundo da vida* (*LebensWelt*) e da *visão do mundo*, do *espírito crítico*, da “*enciclopédia*” *sapiencial e experiencial*, própria e irrepetível, contrapõe-se-lhe *uma dinâmica de base heteronómica*, predominantemente orientada para a *reprodução* de saberes (tantas vezes já cristalizados e obsoletos...) legitimados e canonizados de forma corporativa, burocrática e dogmática, longe, portanto, da prioritária implicação da criatividade inventivo-inovadora e consagradora da diferenciante singularidade dos ritmos de aprendizagem dos reais *protagonistas e destinatários* do processo educativo e formativo: os alunos. Em suma: fomenta-se a paralizante fixação e memorização, sem suporte inteligente e crítico, dos “conhecimentos”, das “verdades” e das “certezas” que os “sábios sofisticos” (que, *mercenariamente* e contra o espírito socrático, enxameiam a instituição escolar em todos os seus ciclos e níveis curriculares...) “querem” que se saibam... É assim, por exemplo, que se exige às crianças e aos jovens (no quadro de uma cerrada lógica de “avaliação” controladora, segregadora, exclusora e desumanizadamente *elitista* ...) que *repitam* ou *reproduzam*, com a exactidão e o rigor das *clonagens*, aquilo que, *transmissivamente*, se lhes ensinou, em vez de se lhes solicitar a *visão pessoal e própria, vivida e autêntica, que foram elaborando e ajustando a partir de si*. Tudo à margem do fundamental postulado pedagógico, segundo o qual, *os alunos são o princípio e o fim de todo o processo educativo* (o mesmo é dizer, a sua inderrogável *razão de ser* e os seus insubstituíveis *actores* ...), consumando-se, desse modo, o letal e discriminatório esquecimento de que *todas as crianças, todos os adolescentes e todos os adultos têm o direito e o dever de se formarem até aos limiares últimos das suas insondáveis e inter-incomparáveis pontencialidades* ... Por isso, se pergunta: de que vale o *slogan* do “*todos diferentes, todos iguais*”, se ele não passar, como vem acontecendo, de um inconsequente e damagógico ornato de retórica?...

[165] Cf. Nicola Abbagnano e Giovanni Fornero: *Dizionario di Filosofia*, Torino UTET, 3 1998, entrada «Ironia»: 615-616.

[166] A ironia socrática é, em síntese, a incisiva e anti-sofística interpelação dialógico-indagativa assente em perguntas, interrogações e provocações paradoxais, tendo em vista suscitar a dúvida sobre os próprios conhecimentos e a tomada de consciência da sua fragilidade, destruir a vã presunção de

tudo saber e provocar o constante empenhamento na procura da verdade, através da superação de concepções preconceituosas, inconsistentes, ilusórias e enganadoras.

[167] Cf. Wikipedia, la enciclopedia libre: <http://es.wikipedia.org/wiki/Hoplita> : «Hoplita en la Antigua Grecia era el soldado de infantería pesada. Su armadura constaba de: una coraza metálica sobre una túnica corta, grebas, un escudo redondo y un casco (como elementos defensivos) y una lanza y una espada como instrumentos de ataque. Formaba parte de los diez regimientos de que constaba el ejército. Luchaban formando bloques compactos llamados falanges. Eran hoplitas los ciudadanos de pleno derecho con solvencia para costearse y mantener la panoplia. La larga duración de la Guerra del Peloponeso provocó la aparición de la figura del hoplita profesional y mercenario a partir del siglo V adC. Los hoplitas alcanzaron su cénit en las Guerras Médicas y las guerras del Peloponeso; su decadencia empezó con la aparición de la falange macedónica. Su nombre proviene de la palabra *hoplon* (escudo)».

[168] Cf. Catherine Vallée: *Hannah Arendt, Sócrates e a Questão do Totalitarismo* , cit., 2003, 53, 61, 121.

[169] Cf. Platão: *Apologia...* , 29d-30c

[170] Cf. Platão: *Fédon* , na já cit. trad. de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, 129-130.

[171] Cf. Platão: *Apologia...* , 40c-d, 41d.

[172] Octavio Paz: *Lo mejor ...*, cit., 96-97: «... *Sócrates en cadenas (el sol nace, / morir es despertar: "Critón, un gallo / a Esculapio, ya sano de la vida")*; ».

[173] Cf. José Saramago: *As Intermitências da Morte* , Lisboa, Editorial Caminho, 2005, 78 ss.

[174] José Saramago: *A Caverna* , Lisboa, Editorial Caminho, 2000, 337 ss.

[175] *Idem* , *ibidem* , 35.

[176] Em que tenham igual dignidade *os palhaços, os bobos, os esquimós, os mandarins, as enfermeiras ou os assírios de barbas...* que não deixam de ser figurações alegóricas da real, concreta e singular diversidade antrópica. Cf. José Saramago: *ibidem* , 349.

[177] Ernesto Sabato: *Antes del fin* , Barcelona, Editorial Seix Barral, 2003, 188.

[178] Octávio Paz: *Lo mejor ...* cit., 317.